



1290001463



IE

TCC/UNICAMP F391s

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA

Relatório Final da Disciplina Monografia II:

Setor Turístico e o Mercado de Trabalho
no Brasil

Aluna: Joana Garcia Fernandez

RA: 008933

Prof. Orientador: José Dari Krein

Banca: Amilton Moretto

Prof. da Disciplina: Maria Alejandra Caporale Madi

Campinas, Dezembro de 2004.

TCC/UNICAMP
F391s
IE/1463

CEDOC/IE

Índice

Resumo	3
Apresentação	4
Introdução	6
Capítulo I: Conceituação, Modalidades, Impactos e Mensuração Econômica da Atividade Turística.	9
1) Conceituação , Modalidades de Turismo e Problemas de Mensuração	9
2) Principais Impactos do Setor Turístico	16
2.1) Impactos Econômicos do Turismo – Aspectos Macroeconômicos:.....	16
2.2) Impactos sociais, culturais e ambientais do Turismo:.....	19
Capítulo II: Setor Turístico – Uma Visão Geral.....	21
1) Turismo no mundo	21
2) Turismo no Brasil.....	25
Capítulo III: Emprego no Setor Turístico.....	37
1) Perfil da Força de Trabalho Formal no Setor Turístico	37
2) A Informalidade na Relação de Emprego no Turismo.....	53
2.1) Evolução da População Ocupada na Década de 90.....	53
2.2) Perfil dos Profissionais.....	55
Conclusão	62
Bibliografia	68

Resumo

Este estudo tem como principal objetivo analisar o mercado de trabalho e o perfil dos trabalhadores relacionados ao setor turístico no Brasil. Para isso, primeiramente, é apresentado um panorama geral das atividades turísticas no Brasil e no mundo, de modo a traçar um cenário para a análise pretendida. Então, foram realizadas tabulações do Registro Anual de Informação Social (RAIS) para alguns anos selecionados da década de 1990, a fim de detectar a evolução dos indicadores referentes ao perfil dos trabalhadores formais. Em seguida, de forma complementar, são analisados dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1999, a qual engloba informações referentes aos ocupados em postos de trabalhos formais e informais. Por fim, apesar de todas as limitações com relação às bases de dados utilizadas, foi possível verificar que, durante a década de 1990, as atividades turísticas cresceram significativamente no Brasil e no mundo, e que, apesar disso, no caso brasileiro, esse setor não é organizado e está relacionado a um mercado de trabalho marcado pela informalidade, baixa qualificação, intensa jornada de trabalho e baixa remuneração.

Apresentação

O presente estudo tem como principal objetivo analisar o mercado de trabalho e o perfil dos trabalhadores relacionados ao setor turístico no Brasil. Para isso, são também abordados outros temas correlacionados considerados relevantes para estudo.

Assim, a elaboração do trabalho resultou em cinco partes: uma introdução, três capítulos e uma conclusão.

Primeiramente, na introdução, é feita uma abordagem geral do setor turístico e sua inserção no cenário econômico nacional atual.

Então, aproximando-se mais do tema, o primeiro capítulo, intitulado “Conceituação, Modalidades, Impactos e Mensuração Econômica da Atividade Turística”, consiste em uma breve explicação dos conceitos e as definições que envolvem esse estudo, apresentando as principais modalidades de turismo e, em seguida, enfocando os aspectos econômicos e as formas de mensuração do turismo. Ainda, são apresentados os múltiplos efeitos acarretados pelo desenvolvimento das atividades turísticas, além dos impactos econômicos, como por exemplo, os impactos sociais, culturais e ambientais, destacando os aspectos positivos e negativos envolvidos.

Em seguida, o Capítulo II: “Setor Turístico: Uma visão geral” constitui um panorama geral da atividade no mundo e no Brasil, com destaque para a evolução dos indicadores durante a década de 1990 e para os aspectos mais recentes. São abordadas questões como fluxo de turistas, receitas, principais destinos, principais países emissores etc.

Já o terceiro capítulo, intitulado “Emprego no Setor Turístico”, apresenta, primeiramente, uma análise do perfil do trabalho formal nas atividades turísticas com base na elaboração de tabulações do Registro Anual de Informação Social (RAIS) para anos selecionados. Posteriormente, apresenta-se um quadro global do mercado de trabalho nas atividades voltadas para o setor de turismo no Brasil, a partir de dados levantados na Pesquisa

Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a fim de abordar a questão da informalidade no setor, não abordada na seção anterior.

Por fim, são apresentadas as principais conclusões a que foi possível chegar com as análises elaboradas durante o trabalho.

Introdução

Desde a antiguidade, os povos realizam viagens movidos por diversos interesses, mas é por volta do século XVI que tornam-se mais numerosas as viagens motivadas pela satisfação própria ou instrução, aproximando-se do que podemos chamar de atividade turística (Rabahy, 2003).

A partir da segunda metade do século XIX, o turismo começa a se firmar como atividade econômica, para, a partir de meados do século XX, se desenvolver e se consolidar. Isso ocorre, principalmente, graças ao desenvolvimento dos meios de transportes, a maior disponibilidade de tempo para o lazer para uma crescente parcela da população mundial e o aumento e a melhor distribuição de renda alcançados por uma série de países (Rabahy, 2003).

Segundo Dias (2003), caracterizando-se por um crescimento espetacular, o turismo converteu-se na atividade econômica mais importante do mundo no final do século XX. Segundo dados da Organização Mundial do Turismo (OMT) apresentados pelo autor, de 1950 a 2000, a taxa média anual de crescimento dos deslocamentos internacionais de turistas foi de 6,6%, passando de 25 milhões de turistas por ano para 699 milhões. Se considerarmos os turistas que se deslocam dentro de seus próprios países, esses números devem se tornar ainda mais expressivos.

Diante dessa força econômica e dinamismo, a partir do início da década de 1990, o turismo passa a ser visto, pelo poder público e por parte dos estudiosos do assunto, como fator de desenvolvimento, como fonte de renda e, principalmente, geração de empregos. O destaque dado a essa atividade, especificamente, no Brasil, ademais, tem relação direta com a reestruturação por que passou a economia brasileira no início da década e seus impactos.

Na década de 90, a economia brasileira passou por um processo de grandes mudanças, que conduziu a uma reestruturação das suas atividades. Em particular, a abertura da economia e o baixo crescimento do PIB causaram mudanças estruturais no mercado de trabalho

brasileiro, com elevação do nível de desemprego e precarização das condições de trabalho (Baltar, 1998).

A reestruturação das atividades produtivas e o baixo dinamismo do emprego acarretaram uma nova configuração da estrutura das ocupações. A criação de novas oportunidades de ocupação passou a estar baseada na expansão do setor terciário – que inclui o comércio, os serviços e a administração pública.

Diante desse contexto e dadas as suas características, como o uso intensivo de mão-de-obra e sua interligação com diversos outros setores de atividade (infra-estrutura, vestuário, construção civil etc), torna-se de grande relevância a discussão sobre os efeitos das atividades turísticas em relação ao emprego.

Atualmente, com a questão do emprego ocupando o centro do debate dos problemas nacionais que requerem urgente solução, o turismo é apresentado pelas autoridades públicas, entre outras coisas, como uma alternativa para a geração de ocupações, sendo alvo de importantes políticas públicas¹. A implementação do planejamento estatal, voltado para a fiscalização e, principalmente, viabilização dos projetos turísticos, promoveria, de acordo com essa visão, a ampliação do mercado de trabalho, tanto através da construção da infraestrutura básica indispensável ao desenvolvimento da atividade como da implementação dos projetos propriamente (Gomes, Silva e Silva, 2002). De forma contrária, alguns especialistas destacam que a expansão do mercado de trabalho gerada pelo desenvolvimento da indústria turística tem sido marcada pelo trabalho precário e pela participação do trabalho informal, que se expressa através de uma intensa jornada de trabalho, com baixa qualificação e baixa remuneração (Gomes, Silva e Silva, 2002).

Apesar da controvérsia, há um consenso de que a geração de emprego, apesar de não ser o objetivo primordial de todo desenvolvimento turístico, é certamente um de seus principais resultados. Nessa perspectiva, apesar do contexto desfavorável do mercado de trabalho

¹ O desenvolvimento do setor turístico encontra-se entre os cinco macroobjetivos da gestão de 2003 a 2007 do governo federal. Em função disso, foi elaborado o “Plano Nacional do Turismo – Diretrizes, Metas e Programas”.

diante da reestruturação produtiva e o baixo nível de atividade econômica, essa atividade é tida por muitos como uma alternativa à destruição do emprego, que temos verificado nos últimos anos.

Diante dessa problemática, pretendemos, através desse estudo, investigar os impactos econômicos do desenvolvimento das atividades turísticas, mais especificamente, sobre o mercado de trabalho brasileiro. Para tanto, será necessário nos aproximarmos dos conceitos utilizados nas análises do fenômeno turístico e suas implicações.

Capítulo I: Conceituação, Modalidades, Impactos e Mensuração Econômica da Atividade Turística.

1) Conceituação , Modalidades de Turismo e Problemas de Mensuração

Antes de abordarmos os dados e as informações sobre desenvolvimento da atividade turística e seus impactos sobre o mercado de trabalho, faremos uma explicação dos conceitos e as definições que envolvem esse estudo, apresentando as principais modalidades de turismo e, em seguida, enfocando os aspectos econômicos e as formas de mensuração do turismo.

Como se sabe, o turismo envolve o deslocamento de indivíduos entre os mais variados lugares com as mais variadas motivações. Diante disso, para entender o desenvolvimento dessa atividade, será importante analisar os espaços e os impulsos a ela relacionados.

O Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), em seu estudo anual sobre o fluxo turístico no Brasil, apresenta oito categorias de motivações de viagens: “Turismo”, “Negócios”, “Visita a familiares ou amigos”, “Congresso ou Convenção”, “Estudo, Ensino ou Pesquisa”, “Tratamento de Saúde”, “Religião ou Peregrinação” e “Outros”.

É importante notar que as decisões pessoais sobre a realização da viagem têm importante correlação com os atrativos turísticos da localidade receptora. A partir disso, Oliveira (2004), faz uma ponte entre as categorias apresentadas pela Embratur, e a visão abordada por Beni (1998). Nesta última, o turismo é visto a partir da “vocação turística do núcleo receptor”, que é dada pelo principal produto disponível em uma localidade, exercendo forte atração sobre os viajantes. Devido à variedade de destinos existentes, existe também grande número de caracterizações de possibilidade de turismo, como podemos observar no quadro a seguir:

Quadro: Motivações e Modalidades de Turismo

Modalidade de turismo	Motivo da Viagem							
	Turismo	Visitar familiares	Negócios	Congresso Convenção	Estudo Ensino Pesquisa	Tratamento de saúde	Religião Perigração	Outros
	Climático e Hidromineral Paisagístico Folclórico e Artesanal Cultural Étnico-Histórico-Cultural Temático Recreação e entretenimento Aventura Ecológico Ecoturismo Rural Agroturismo Urbano Cívico institucional	Sócio-familiar	Empresarial ou de negócios Eventos fixos, sazonais, de oportunidade e monotemáticos	Congressual	CientíficoSaúde Educaçãol		Religioso Esotérico	Desportivo Jogo ou Cassino Megaeventos Excentricidades Habitação

Fonte: Oliveira (2004)

Como podemos ver, a atividade em questão apresenta grande complexidade de formas e finalidades, a qual, muitas vezes, gera dificuldade em se definir o que se entende por cada uma delas, assim como em que se define *turismo* propriamente.

Em seu trabalho, Oliveira (2004) ilustra a diversidade de definições presentes nas análises sobre o tema, contrapondo três visões distintas.

Segundo Wahab (1991), “turismo é uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo da interação entre povos, tanto dentro de um mesmo país como fora dos limites geográficos dos países. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outra região, país ou continente, visando a satisfação de necessidades outras que não o exercício de uma função remunerada”. A partir disso, podemos verificar que o referido autor tem uma visão restrita sobre o turismo, destacando as motivações de lazer e de intercâmbio cultural para caracterizar a atividade.

Figuerola (1990), de outra forma, conceitua o turismo como um “ato que supõe deslocamento e acarreta no gasto de renda, cujo objetivo principal é conseguir satisfação e

serviços, que se oferecem através de uma atividade produtiva, gerada mediante uma inversão prévia”, destacando os aspectos econômicos da atividade e a necessidade de haver uma constituição prévia da oferta turística. Ao mesmo tempo, destaca a inter-relação do turismo com outras esferas da vida social ao atentar para os marcos de influência da atividade turística: o político (liberdade de deslocamento, doutrinas políticas), o legal (férias, regulamentação turística), o social (comportamentos, propagandas), o ambiental (condições naturais, meio urbano) e o tecnológico (desenvolvimento dos transportes e comunicações).

Outra definição distinta, ainda apresentada por Oliveira (2004) pode ser obtida através dos documentos oficiais da Organização Mundial do Turismo (OMT) – entidade da Organização das Nações Unidas (ONU/OMT) - segundo a qual o turismo define-se pelo “conjunto de atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares distintos de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com fins de ócio, por negócios ou outros motivos”. Como podemos ver, mesmo restringindo temporal e espacialmente a atividade, essa é uma definição mais abrangente em relação ao conjunto de fatores envolvidos no turismo e em relação às motivações dos turistas, por exemplo ao englobar as viagens de negócios.

O fato de a definição oficial ser mais abrangente terá influência importante na mensuração dos impactos econômicos da atividade, uma vez que engloba segmentos importantes como as viagens de negócios e de eventos. Por sua amplitude, esse conceito será o que envolverá toda a análise aqui pretendida..

Para fins de nosso estudo, além da definição de turismo, é necessário expandir a conceituação para outros aspectos da organização econômica do turismo.

Do ponto de vista microeconômico, o turismo se estrutura a partir da organização das ações individuais na compra e venda de produtos turísticos em um mercado específico.

Segundo Lage e Milone (2000), *produto turístico* pode ser entendido como o conjunto de bens e serviços relacionados a toda e qualquer atividade de turismo, podendo ser formado pelo conjunto dos seguintes componentes: transporte, alimentação, acomodação e entretenimento.

Após definir *produto turístico*, temos que observar os agentes que o produzem e o consomem. Segundo Lage e Milone (2000, pág. 31), os agentes econômicos relevantes em questão são: 1) os turistas, que “buscam vários tipos de experiências, de satisfações psíquicas e físicas, tentando maximizar a utilidade (satisfação) de suas viagens”, cuja natureza irá determinar os destinos, o tipo de hospedagem, transporte e etc.; 2) as empresas turísticas, que “vêm o turismo como uma oportunidade de aumentar ao máximo seus lucros, ao proporcionar os vários tipos de bens e serviços, que o mercado turístico demanda”; 3) o governo, que “assume o turismo como um fator econômico. Essa perspectiva se relaciona com as entradas de receita que os cidadãos obtêm com essa indústria, com as divisas geradas pelo turismo internacional e com o aumento da arrecadação dos impostos devido aos gastos turísticos na área”; e 4) a comunidade anfitriã, que “representada pelas pessoas nativas da região turística, vêem o turismo como um fator cultural”. Para essa comunidade, um dos aspectos mais importantes é o efeito das inter-relações entre os residentes e visitantes.

É importante destacar, também, que a possibilidade do desenvolvimento turístico acontece a partir da compatibilidade dos objetivos e esforços combinados dos quatro agentes acima apresentados.

A caracterização dos agentes econômicos envolvidos na atividade turística apresentada pelos autores é importante para o entendimento da organização e dinâmica da atividade turística. Contudo, é um tanto quanto genérica.

Por sua vez, a OMT apresenta uma relação de conceitos que procura atender às especificidades desses agentes econômicos da atividade turística e da organização da atividade de forma mais ampla. Antes de apresentá-la, no entanto, é preciso apontar as

definições de demanda e oferta turísticas. De acordo com Lage e Milone (2000), *demanda turística* pode ser definida como a “quantidade de bens e serviços turísticos que os indivíduos desejam e são capazes de consumir a um dado preço, em um determinado período de tempo” (pág. 36), e *oferta turística* seria “o conjunto de atrações naturais e artificiais de uma região, assim como de todos os produtos turísticos à disposição dos consumidores para satisfação de suas necessidades”.

Então, em relação à demanda turística, a OMT define quatro categorias de visitantes: os Turistas Internacionais (visitantes internacionais que pernoitam no local), os Excursionistas Internacionais, os Turistas Internos (visitantes internos que pernoitam no local) e os Excursionistas Internos. Mantendo o enfoque sobre a demanda turística, temos ainda o conceito de consumo turístico, que compreende os gastos realizados por um determinado visitante. Tais gastos podem ser realizados pelo próprio visitante, pelas famílias residentes na recepção de amigos ou parentes, pelas empresas que financiam os gastos de seus funcionários em serviço, ou pelo resto do mundo, no caso de residentes em viagens a outros países, hospedados gratuitamente em residência de parentes ou amigos (Oliveira, 2004).

Em relação à oferta turística, é importante fazer a distinção entre os bens e serviços que são consumidos por turistas, que são os *bens e serviço característicos* e aqueles que podem ser consumidos por turistas e pela população local, que são os *bens e serviços conexos*. Os primeiros são aqueles que deixariam de existir ou seriam reduzidos se não houvesse turistas, como é o caso dos alojamentos, serviços de locação de automóveis, organizações de viagens etc. No segundo grupo estão os restaurantes, táxis e outros, que são consumidos em grande quantidade pelos visitantes, mas não são típicos ou exclusivos deles (Oliveira, 2004).

Os segmentos da economia selecionados para a análise neste trabalho procuram seguir a metodologia de Contas Satélites do Turismo definida pela OMT², abrangendo hotéis e outros serviços de alojamento, serviços de provisão de comidas e bebidas, vários tipos de transporte de passageiros, agências de viagens, operadoras de turismo, aluguel de veículos,

² em Measuring Economic Impacts of Tourism Report, Organização Mundial do Turismo, 1999

serviços culturais, de entretenimento e lazer. Por ser bastante abrangente, essa delimitação tem sido bastante utilizada nos estudos relacionados ao turismo, bem como no presente estudo.

A partir dessas informações sobre a oferta turística, é possível ter uma idéia das atividades que compõe o setor turístico. Mas para ficar mais claro é importante apresentar a delimitação do segmento turístico utilizada nesse trabalho, com base na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

Quadro: Delimitação do Setor Turístico – Códigos utilizados

CNAE 1.0: Códigos e denominações

55.1 ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS E OUTROS TIPOS DE ALOJAMENTO TEMPORÁRIO

55.13-1 Estabelecimentos hoteleiros

55.19-0 Outros tipos de alojamento

55.2 RESTAURANTES E OUTROS ESTABELECIMENTOS DE SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO

55.21-2 Restaurantes e estabelecimentos de bebidas, com serviço completo

55.22-0 Lanchonetes e similares

55.23-9 Cantinas (serviços de alimentação privativos)

55.24-7 Fornecimento de comida preparada

55.29-8 Outros serviços de alimentação

60.2 OUTROS TRANSPORTES TERRESTRES

60.24-0 Transporte rodoviário de passageiros, regular, não urbano

62.1 TRANSPORTE AÉREO, REGULAR

62.10-3 Transporte aéreo, regular

62.2 TRANSPORTE AÉREO, NÃO REGULAR

62.20-0 Transporte aéreo, não regular

63.3 ATIVIDADES DE AGÊNCIAS DE VIAGENS E ORGANIZADORES DE VIAGEM

63.30-4 Atividades de agências de viagens e organizadores de viagem

71.1 ALUGUEL DE AUTOMÓVEIS

71.10-2 Aluguel de automóveis

92 ATIVIDADES RECREATIVAS, CULTURAIS E DESPORTIVAS

92.1 ATIVIDADES CINEMATOGRAFICAS E DE VÍDEO

92.11-8 Produção de filmes cinematográficos e fitas de vídeo

92.12-6 Distribuição de filmes e de vídeos

92.13-4 Projeção de filmes e de vídeos

92.2 ATIVIDADES DE RÁDIO E DE TELEVISÃO

92.21-5 Atividades de rádio

92.22-3 Atividades de televisão

92.3 OUTRAS ATIVIDADES ARTÍSTICAS E DE ESPETÁCULOS

92.31-2 Atividades de teatro, música e outras atividades artísticas e literárias

92.32-0 Gestão de salas de espetáculos

92.39-8 Outras atividades de espetáculos, não especificadas anteriormente

92.4 ATIVIDADES DE AGÊNCIA DE NOTÍCIAS

92.40-1 Atividades de agências de notícias

92.5 ATIVIDADES DE BIBLIOTECAS, ARQUIVOS, MUSEUS E OUTRAS ATIVIDADES CULTURAIS

92.51-7 Atividades de bibliotecas e arquivos

92.52-5 Atividades de museus e de conservação do patrimônio histórico

92.53-3 Atividades de jardins botânicos, zoológicos, parques nacionais e reservas ecológicas

92.6 ATIVIDADES DESPORTIVAS E OUTRAS ATIVIDADES RELACIONADAS AO LAZER

92.61-4 Atividades desportivas

92.62-2 Outras atividades relacionadas ao lazer

Apesar de todo o conjunto de definições e conceitos que acabamos de apresentar, ainda existem grandes limitações para a mensuração dos impactos econômicos do turismo. Não é possível saber com segurança qual a proporção dos bens e serviços listados acima são realmente utilizados por visitantes. Além disso, na maioria das vezes, os dados estatísticos disponíveis não nos permite uma análise muito precisa. Além disso, as instituições que fornecem pesquisas com informações importantes nessa área se utilizam de parâmetros estatísticos uniformes para todos os países que abrange, o que acaba comprometendo a veracidade das informações.

Devido essa dificuldade de obter informações adequadas para a avaliação do desenvolvimento econômico do turismo, essa pesquisa irá se basear em um conjunto de categorias semelhante ao utilizado pela OMT e pelo Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), que fornecem a base de dados de referência para estudos nesse setor. Mesmo assim, é importante ressaltar que muitas vezes será difícil expor os dados com o nível de detalhamento desejado, pois muitas das informações ainda não estão disponíveis ou encontram-se desagregadas.

2) Principais Impactos do Setor Turístico

Apesar de todos os problemas de mensuração acima expostos, diante da importância da indústria turística, hoje, no mundo, é importante analisar os múltiplos efeitos acarretados pelo turismo. Neste trabalho pretendemos analisar um dos impactos econômicos observados com o desenvolvimento do setor turístico em uma determinada localidade, que é impacto no mercado de trabalho. Contudo, além dos efeitos econômicos, existem os sociais, culturais e ambientais, os quais não apresentam resultados equivalentes em todas as partes ou iguais para todas as pessoas envolvidas. É evidente a ocorrência de desigualdades relativas à distribuição de benefícios e custos. Por isso, devemos destacar os principais impactos, positivos ou negativos, que a indústria do turismo pode gerar.

2.1) Impactos Econômicos do Turismo – Aspectos Macroeconômicos:

De acordo com os autores Lage e Milone (2000), as atividades turísticas têm impactos importante sobre as variáveis macroeconômica, principalmente sobre a renda e o emprego. Devemos lembrar que esse setor apresenta uma interdependência com outros setores econômicos produtivos. Apesar de ser uma atividade do setor terciário, o turismo tem correlação estreita com os demais setores da economia.

Diante disso, os estudiosos do setor apresentaram a idéia dos multiplicadores do turismo. O conceito de multiplicador, segundo Lage e Milone (2000), está relacionado à idéia de que variações no nível de atividade de uma indústria poderia ter efeito sobre o nível de atividades em outra indústria e, conseqüentemente, causar um efeito múltiplo em toda economia. O efeito multiplicador, então, representa o fenômeno através do qual algum acréscimo ou decréscimo inicial dos gastos totais irá ocasionar uma elevação ou diminuição mais do que proporcional do nível de renda nacional.

Os multiplicadores específicos do turismo permitem quantificar as variações da renda, do emprego e da entrada e saída de divisas decorrente de uma variação dos gastos com turismo. De acordo com os autores acima citados, existem 5 multiplicadores que podem ser calculados para qualquer economia: 1) multiplicador da renda, que representa a variação da renda interna associada a uma variação do gasto com turismo 2) multiplicador do emprego, que representa a variação do nível de emprego associada a uma variação do gasto com turismo 3) multiplicador do produto, que demonstra a variação do produto relacionado ao aumento dos gastos turísticos 4) multiplicador das importações, que indica o valor das importações de bens e serviços associados à variação do gasto turístico e 5) multiplicador das receitas do governo, que representa a variação da arrecadação do governo em decorrência de uma variação dos gastos com turismo.

Apesar da dificuldade de obter dados precisos em relação aos gastos com turismo, como já foi dito, a determinação dos multiplicadores é de grande importância para o planejamento eficiente do setor, pois permite aos planejadores terem uma idéia dos reais impactos da atividade na economia do país.

Em decorrência da interconexão dos segmentos do setor turístico com outros ramos da atividade econômica, os impactos acima destacados podem ser classificados como 1) diretos, quando resultam diretamente da variação dos gastos com os produtos turísticos, 2) indiretos, quando os gastos em turismo atingem bens e serviços em geral produzidos e ofertados na economia, e 3) induzidos, à medida que os níveis de renda aumentam em toda a economia, como resultado dos impactos diretos e indiretos das variações dos gastos turísticos, parte dessa renda será gasta em bens e serviços produzidos internamente (Lage e Milone, 2000).

Da mesma forma, com relação aos empregos que surgem como decorrência do desenvolvimento turístico, Lage e Milone (1998) apresentam a seguinte classificação: empregos diretamente relacionados com a direção e funcionamento da indústria turística; empregos resultantes do desenvolvimento da indústria turística, no setor de transporte, na agricultura, nos bancos etc; empregos indiretos que surgem como consequência do montante de recursos vindos das atividades produtivas e acumulados pelos residentes locais.

É importante destacar, por outro lado, que, apesar do impacto positivo sobre o nível de renda e emprego, o desenvolvimento do setor turístico pode refletir negativamente na sociedade onde ocorre. Dependendo da estrutura da organização do turismo no local, os resultados da atividade podem prejudicar mais do que beneficiar a comunidade local.

De acordo com Carvalho (1998), a atividade turística é vantajosa como fonte geradora de divisas e, por isso, tem grande importância no que diz respeito à exportação (em turismo, exportação quer dizer importação de turistas). Entretanto, existe risco na dependência extrema da demanda externa do turismo devido ao fato de os gastos com o turismo internacional serem gerados em um pequeno número de países desenvolvidos, fazendo com que o desenvolvimento turístico seja altamente dependente da prosperidade desses países desenvolvidos.

Da mesma forma, o setor turístico pode trazer impactos negativos para o mercado de trabalho. Como será visto adiante, por ser considerada uma atividade sazonal, se mal estruturado, o turismo gera empregos caracterizados pela temporalidade e informalidade, muitas vezes contribuindo para a precarização das relações de trabalho.

2.2) Impactos sociais, culturais e ambientais do Turismo:

De acordo com Lage e Milone (1998), o turismo tem introduzido e espalhado seus valores culturais e sociais por todo o mundo. O aumento do conhecimento de diferentes culturas levou a adição de variados valores e à crescente similaridade entre várias sociedades.

Com o desenvolvimento do transporte aéreo direto, de baixo custo, modificações sociais foram facilmente introduzidas em sociedades anteriormente isoladas, o que impactará na vida local.

Diante disso, críticos argumentam que grande número de turistas deixa suas maneiras e sua moral em casa, procurando lugares exóticos, distantes das restrições sociais, e que seu comportamento pode variar completamente, sendo uma ameaça à “paz local”.

Outros, de outra forma, acreditam que a atividade turística ajuda a eliminar diferenças sociais e culturais artificiais, possibilitando a mútua sobrevivência das sociedades e a crescente compreensão intercultural.

No entanto, o turismo apresenta grande número de custos sociais e culturais, em potencial. Pode ajudar, reconhecer e promover culturas distintas, mas também alterar ou distorcer padrões culturais no seu processo de crescimento.

Com relação aos impactos ambientais da atividade, ainda existe muita controvérsia. Pode ser uma relação simbiótica, na medida em que a conservação de áreas naturais, vida selvagem, sítio de preservação, monumentos arqueológicos e interesses históricos mantêm

os produtos oferecidos à demanda, diante de estímulos ao fluxo turístico (Lage e Milone, 1998).

Entretanto, a mesma relação pode ter efeito negativo, pela poluição do ar ou pela degradação de outros fatores fundamentais para a sua manutenção. O desenvolvimento associado ao turismo pode criar impactos que alterarão alguns recursos ambientais dos quais a própria atividade depende.

Capítulo II: Setor Turístico – Uma Visão Geral

1) Turismo no mundo

A atividade turística no mundo começou a consolidar-se a partir do início da década de 50, quando a paz prolongada com o fim da II Guerra Mundial, a consolidação da classe média, o aumento do poder aquisitivo e aumento do tempo livre (mais dias de férias, redução da jornada de trabalho) e os grandes avanços tecnológicos nos campos da comunicação e dos transportes criaram condições favoráveis para o crescimento contínuo da atividade turística em todo o mundo.

Anteriormente a essa data, já era possível enxergar no turismo uma atividade econômica promissora, porém, dificuldades como conflitos bélicos prolongados (I e II Guerra Mundial), falta de infra-estrutura adequada ao turismo, como hotéis adequados, ofertas turísticas bem planejadas, infra-estrutura de transportes e comunicação amplas, eram obstáculos intransponíveis ao desenvolvimento da atividade turística.

Com o fim da II Guerra Mundial, criaram-se condições favoráveis ao desenvolvimento da atividade turística. Culturalmente, o maior interesse em conhecer outros povos e civilizações, despertados pela expansão da educação, e o desejo de evasão, descanso e recreação, despertados pelos problemas decorrentes da industrialização e dos processos de urbanização rápida, impulsionava os turistas a conhecer novos países, povos e ambientes mais próximos do contato com a natureza (Rejowski, 2002).

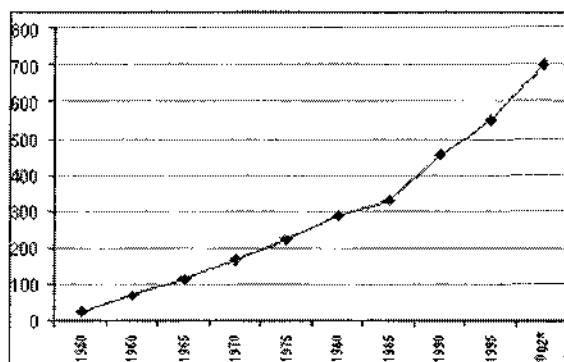
Além disso, a consolidação de uma classe média com maior poder aquisitivo e conquistas sociais importantes, como redução da jornada de trabalho, descanso semanal remunerado e férias mais longas e remuneradas, possibilitavam a uma parcela cada vez maior da população empreender-se em novas atividades turísticas.

Outro ponto importante a destacar é o grande avanço tecnológico obtido após a II Guerra Mundial, principalmente no campo dos transportes, com a popularização dos automóveis e ônibus, que facilitavam o turismo doméstico e impulsionavam o desenvolvimento de hotéis,

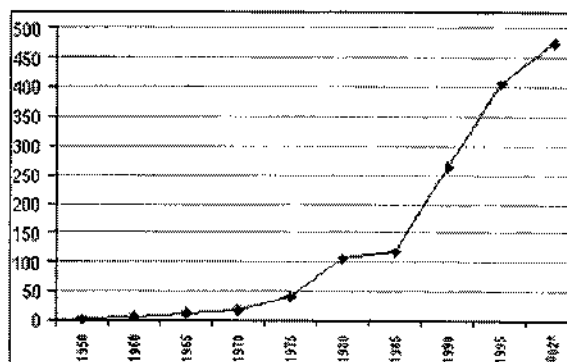
pousadas, campings e outras modalidades de alojamento para atender a essa população que viajava de carro ou ônibus. Além do grande progresso técnico alcançado pelos aviões, que no final dos 50 já tinham capacidade para transportar mais de 100 passageiros, com conforto e velocidade cada vez maiores (Rejowski, 2001).

Assim, caracterizando-se por um crescimento espetacular, o turismo converteu-se na atividade econômica mais importante do mundo no final do século XX, segundo Dias (2003). De acordo com dados da OMT apresentados pelo autor, de 1950 a 2000, a taxa média anual de crescimento dos deslocamentos internacionais de turistas foi de 6,6%, passando de 25 milhões de turistas por ano em 1950 para 700 milhões em 2000. Se considerarmos os turistas que se deslocam dentro de seus próprios países, esses números devem se tornar ainda mais expressivos.

Número de Turistas Internacionais (em milhões)



Receitas das Atividades Turísticas Internacionais (em US\$ bilhões)



Fonte: OMT

Outros dados apresentados por Dias (2003) ilustram a dimensão alcançada pela indústria do turismo. Além de mobilizar um sem número de atividades correlatas, a estimativa é de que o setor movimenta cerca de US\$ 3,4 trilhões (10,9% do PIB mundial), emprega 204 milhões de pessoas (10% da força de trabalho mundial) e cresça 7,5% ao ano nos próximos 10 anos.

A Europa e as Américas são os principais destinos do turismo mundial, concentrando cerca de 95% dos deslocamentos internacionais em 1950, e 76% em 2000. A partir de 2001, a

Ásia se tornou a segunda região mais importante no recebimento de turistas, superando as Américas. A tabela abaixo melhor ilustra a evolução dos deslocamentos internacionais:

Desembarques Internacionais de Turistas (em milhões)

	Mundo	África	Américas	Ásia e Pacífico	Europa	Oriente Médio
1950	25,3	0,5	7,5	0,2	16,8	0,2
1960	69,3	0,8	16,7	0,9	50,4	0,6
1970	165,8	2,4	42,3	6,2	113,0	1,9
1980	286,5	7,4	61,4	24,3	186,0	7,5
1990	455,9	15,0	93,0	57,7	280,6	9,7
2002*	702,6	29,1	114,9	131,3	399,8	27,6

Fonte : OMT

* Estimativa

Em termos de geração de receita, o turismo internacional gerou US\$ 474,2 bilhões em 2002, sendo a Europa responsável por cerca de 51% do total, as Américas por 24%, e Ásia e Pacífico responsáveis por 20%. Cabe ressaltar o grande crescimento das receitas da Ásia e Pacífico como percentual da geração de receita total, que passou de 1% em 1950 para 20% em 2002. Abaixo segue uma tabela mostrando a evolução da geração de receita proveniente do turismo desde 1950:

Receitas - Turismo Internacional (em US\$ bilhões)

	Mundo	África	Américas	Ásia e Pacífico	Europa	Oriente Médio
1950	2,1	0,1	1,1	0,0	0,9	0,0
1960	6,9	0,2	2,5	0,2	3,9	0,1
1970	17,9	0,5	4,8	1,2	11,0	0,4
1980	105,4	2,6	25,4	10,3	63,6	3,5
1990	264,1	5,3	69,2	41,3	143,8	4,5
2002*	474,2	11,8	114,3	94,7	240,5	13,0

Fonte : OMT

* Estimativa

Cerca de 35% do fluxo de turistas internacionais se concentram nos 5 maiores destinos no mundo todo. São eles, segundos dados da OMT, em 2002: França (77 milhões), Espanha (51,7 milhões), Estados Unidos (41,9 milhões), Itália (39,8 milhões) e China (36,8 milhões). Em 2002, o Brasil recebeu aproximadamente 3.783 mil (fonte: OMT). Abaixo a evolução do fluxo de turistas nos principais destinos no mundo:

Desembarques Internacionais de Turistas (milhares)

	1990	1995	2000	2001	2002*
França	52.497	60.033	77.190	75.202	77.012
Espanha	34.085	34.920	47.898	50.094	51.748
Estados Unidos	39.362	43.318	50.945	44.898	41.892
Itália	26.679	31.052	41.181	39.563	39.799
China	...	20.034	31.229	33.167	36.803
Brasil	1.091	1.991	5.313	4.773	3.783

Fonte: OMT

* Estimativa

Cabe destacar a diminuição no fluxo em 2001 observado em quase todos os países acima apontados. Essa diminuição é explicada pelo ataque sofrido pelos Estados Unidos em setembro de 2001, que abalou a confiança dos turistas no mundo inteiro, agora preocupados em ser vítimas de possíveis atentados terroristas. A exceção a esse movimento foi a China, que mesmo após os atentados, registraram aumento no fluxo de turistas. Cabe ressaltar que já em 2002, o número de desembarques internacionais apresentou uma certa recuperação. O Brasil não mostrou essa recuperação, tendo diminuído o número de desembarques internacionais em 2001 e em 2002, após atingir um pico de 5,3 milhões de desembarques internacionais em 2000.

Em se tratando de geração de receita, esses cinco países concentram cerca de 38% do total, sendo os Estados Unidos o país que mais gera receita com turismo internacional, gerando US\$ 66.547 milhões em 2002 (14% do total), e a Espanha vem em seguida, tendo gerado aproximadamente US\$ 33.609 milhões em 2002 (7% do total). Cabe destacar que a França, como mostrado anteriormente é o país que mais recebe turistas internacionais, mas os Estados Unidos conseguem gerar maior receita. A tabela abaixo mostra a evolução da geração de receita nos principais países:

Receitas - Turismo Internacional (US\$ milhões)

	1990	1995	2000	2001	2002*
França	20.184	27.527	30.754	29.979	32.329
Espanha	18.593	25.388	31.454	32.873	33.609
Estados Unidos	43.007	63.395	82.400	71.893	66.547
Itália	16.458	28.729	27.500	25.796	26.915
China	2.218	8.733	16.224	17.792	20.385
Brasil	1.444	2.097	4.228	3.701	3.120

Fonte: OMT

* Estimativa

Como pode ser visualizado na tabela, apesar dos Estados Unidos ainda ser o país que consegue gerar maior receita com turismo internacional, essa geração vem caindo a partir de 2001 e pode ser explicada pelo fato da grande preocupação com atentados terroristas, fazendo com que o país elabore leis e procedimentos cada vez mais rígidos em relação à segurança, principalmente em relação a desembarques de turistas estrangeiros, que agora passam por situações até mesmo constrangedoras antes de desembarcar nos Estados Unidos, o que acaba desencorajando o desembarque de turistas estrangeiros.

O Brasil parece não seguir a tendência mundial e apresentou redução na geração de receita com turismo internacional em 2001 e 2002, mostrando que o país ainda não está aproveitando todo o seu potencial e explorando as possibilidades que o turismo pode gerar. Para enxergarmos com mais clareza a situação do turismo no Brasil, apresentaremos, a seguir uma visão geral do setor no país.

2) Turismo no Brasil

O desenvolvimento das atividades turísticas não é um fenômeno recente nem pontual. Assim como no resto do mundo, a atividade do turismo no Brasil vem evoluindo, com maior ou menor intensidade, acompanhando sempre as mudanças econômicas, sociais e culturais, e os avanços da tecnologia (Rejowski, 2002).

Pode-se afirmar que a atividade do turismo começou a se consolidar no Brasil em meados do século XX, quando, em virtude do ciclo de crescimento começa a se formar no país uma classe média apta a consumir produtos turísticos. Além disso, os grandes investimentos

governamentais na construção de uma malha rodoviária ampla e de um extenso parque industrial de bens de capital ocorridos nessa época foram fatores cruciais na expansão da atividade turística em todo o país.

Os meios de comunicação da época já mostravam o crescimento do turismo no país, tendo programas dedicados exclusivamente ao Turismo na televisão, bem como colunas e cadernos especiais em jornais e revistas de todo o país, principalmente nos grandes centros, onde a classe média começou a se dirigir para cidades próximas, construindo chácaras de recreio ou para o litoral adquirindo apartamentos e casas (Rejowski, 2002), tendo a baixada santista como principal destaque desse fenômeno.

O crescimento dessas atividades em todo o mundo e a perspectiva de uma atividade econômica promissora estimularam a criação de um órgão público que pudesse atender as necessidades urgentes do setor. Assim, em 1966 criou-se a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) e começou a ser discutida a necessidade de se traçar as diretrizes de uma política nacional de turismo.

Por volta de 1970, o fluxo de turistas tinha expandido em todo mundo e o país experimentou novamente um novo ciclo de crescimento econômico que possibilitou novamente uma grande evolução das atividades turísticas no país. A malha rodoviária cresceu bastante com o objetivo do governo de promover a integração nacional, as empresas aéreas nacionais cresceram e possibilitavam cada vez mais um número maior de vôos para novos destinos no país. Porém, os empreendimentos turísticos ainda eram predominantemente amadores, caracterizados pela improvisação, desorganização e baixos investimentos.

Em 1975 instalou-se em São Paulo a primeira cadeia internacional de hotéis no país, o Hilton, mais tarde vieram cadeias como Holiday Inn, Sheraton, Meridien, Novotel e Club Mediterrané. Neste mesmo período também foram criadas as primeiras cadeias hoteleiras nacionais, com destaque para Hotel Nacional Rio, Othon, Eldorado e a rede Tropical Hotéis (Rejowski, 2002). Nessa época também surgiram os primeiros cursos superiores de

turismo, visando atender a crescente demanda por profissionais qualificados voltados para o setor, como a Faculdade de Turismo do Morumbi (atual Universidade Anhembi Morumbi), Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, Faculdade da Cidade (Rio de Janeiro), Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Universidade Católica de Pernambuco.

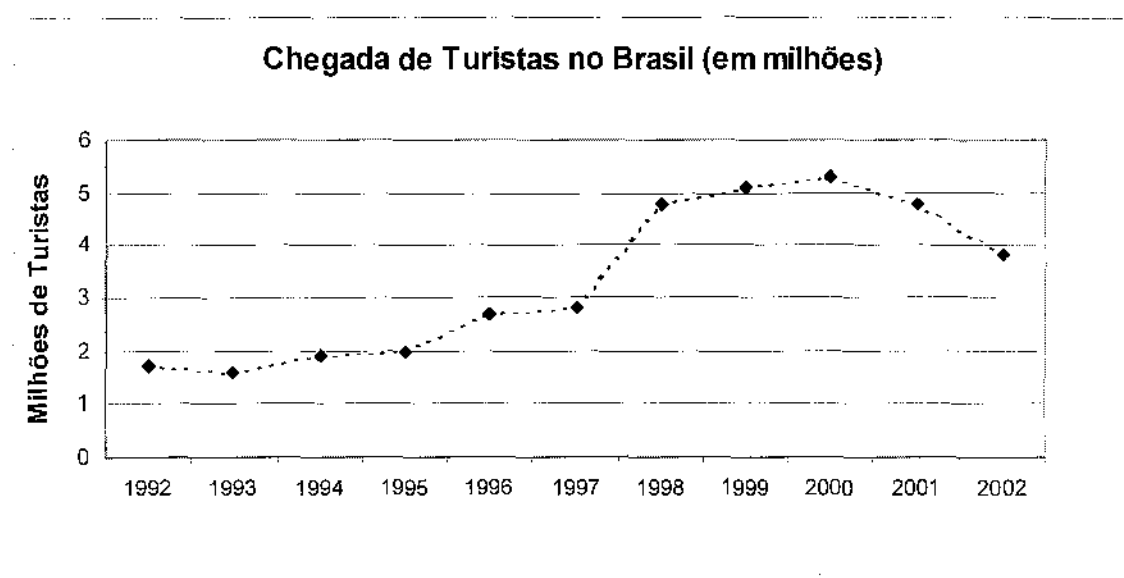
Toda essa expansão na década de 70 foi superada pelo baixo crescimento da economia, queda no poder de compra da população e pelos baixos investimentos turísticos na década de 80. Devido a crise que assombrou o país durante toda a década, não foram investidos recursos suficientes que propiciassem a expansão da atividade turística no país. A malha rodoviária encontrava-se carente de manutenção, os portos e aeroportos já apresentavam sinais de insuficiência, o transporte ferroviário foi abandonado e o cenário econômico não propiciava um ambiente adequado para o investimento privado no setor turístico. Assim, pode-se dizer que durante a década de 80 o país não evoluiu na medida necessária para a consolidação das atividades turísticas, ainda mais quando comparado com o crescimento do turismo a nível mundial.

A partir da década de 90, essa situação de estagnação no setor turístico começa a se reverter. O governo passou a enxergar no turismo uma alternativa para geração de empregos e renda, numa economia extremamente abalada pela falta de crescimento econômico, altos índices de desemprego e pela má distribuição de renda. Esperava-se que com a estabilização inflacionária, obtida após os inúmeros planos mal sucedidos, o país entrasse em um novo ciclo de crescimento, criando condições favoráveis para o desenvolvimento turístico no país.

A série de tabelas, gráficos e dados mostrados a seguir têm como objetivo melhor ilustrar e caracterizar a atividade turística no Brasil atualmente, tanto em termos de turismo receptivo (chegada de turistas estrangeiros) como turismo doméstico³.

³ As principais fontes de informações utilizadas são estudos e publicações da Embratur, obtidas através de seu endereço na Internet (www.embratur.gov.br) e da Organização Mundial do Turismo.

O número de chegadas de turistas estrangeiros vem crescendo constantemente no Brasil desde 1992, crescendo em média 8,38% ao ano até 2002, quando ocorreram 3,8 milhões de chegada. O pico alcançado em 2000, com a chegada de 5,3 milhões de turistas estrangeiros, pode ser relacionado à desvalorização cambial de 1999, a qual acabou tornando o mercado turístico brasileiro mais competitivo. Em 2001, a tendência de crescimento se inverteu e o número de chegadas passou a diminuir, devido principalmente aos atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos que abalou o setor turístico em todo o mundo. O gráfico a seguir melhor ilustra essa evolução:



Fonte: Embratur

Em comparação com a evolução do número de chegadas no mundo inteiro e na América do Sul, pode-se dizer que o Brasil vinha apresentando crescimento significativo até 2000, aumentando sua participação na chegada de turistas. Enquanto o mundo como um todo teve um crescimento de 4,13% de 1992 até 2000, a América do Sul teve 5,11% e o Brasil 15,27%. Esse grande crescimento foi obtido graças, principalmente, a uma mudança de atitude das autoridades públicas, tanto federais como estaduais e municipais, que passaram a enxergar na atividade turística uma grande oportunidade de desenvolvimento local, geração de renda e emprego, assim, começaram a investir em infra-estrutura e divulgação, conforme será mostrado mais adiante.

O único ponto negativo refere-se a grande queda observada em 2001 e 2002. É verdade que os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos abalaram o setor em todo o mundo, mas o Brasil parece ter sentido mais a contração da demanda do que os demais países. Enquanto que o número de chegadas no mundo caiu apenas 0,46%, no Brasil a queda foi de 10,18% (dados da EMBRATUR), isso em um país que nunca sofreu um atentado terrorista e, portanto, não deveria ter sentido tanto essa contração da demanda. Essa contração fica ainda mais evidente em 2002, quando o número de chegadas no mundo apresentou uma certa recuperação, crescendo 3,13% em relação a 2001, e no Brasil o número de chegadas caiu 20,83%, mostrando que a principal causa dessa contração não foi simplesmente os atentados sofridos pelos Estados Unidos. Vale lembrar que a Argentina, que é o país de onde o Brasil recebe maior número de turistas, passou por uma grave crise cambial e econômica, e o próprio Brasil passou por uma nova crise financeira e cambial. Tudo isso parece ter contribuído para a retração do número de chegadas no país, melhor demonstrada pela tabela abaixo:

**Chegada de Turistas no Mundo, América do Sul e Brasil
1992/2002**

Ano	Chegada de Turistas (Em milhões de turistas)					
	No Mundo	Incremento (%)	Na América do Sul	Incremento (%)	No Brasil	Incremento (%)
1992	503,4	-	10,4	-	1,7	-
1993	519,0	3,09	11,5	10,58	1,6	5,88
1994	550,5	6,06	10,8	6,09	1,9	18,75
1995	565,5	2,72	11,8	9,26	2,0	7,45
1996	596,5	5,48	12,9	9,32	2,7	33,84
1997	610,8	2,35	13,5	4,65	2,8	6,91
1998	626,6	2,59	15,5	14,81	4,8	69,07
1999	650,2	3,77	15,1	-2,58	5,1	5,99
2000	696,1	7,06	15,5	3,31	5,3	4,03
2001	692,9	-0,46	14,4	-7,70	4,8	-10,18
2002	714,6	3,13	13,6	-5,56	3,8	-20,83

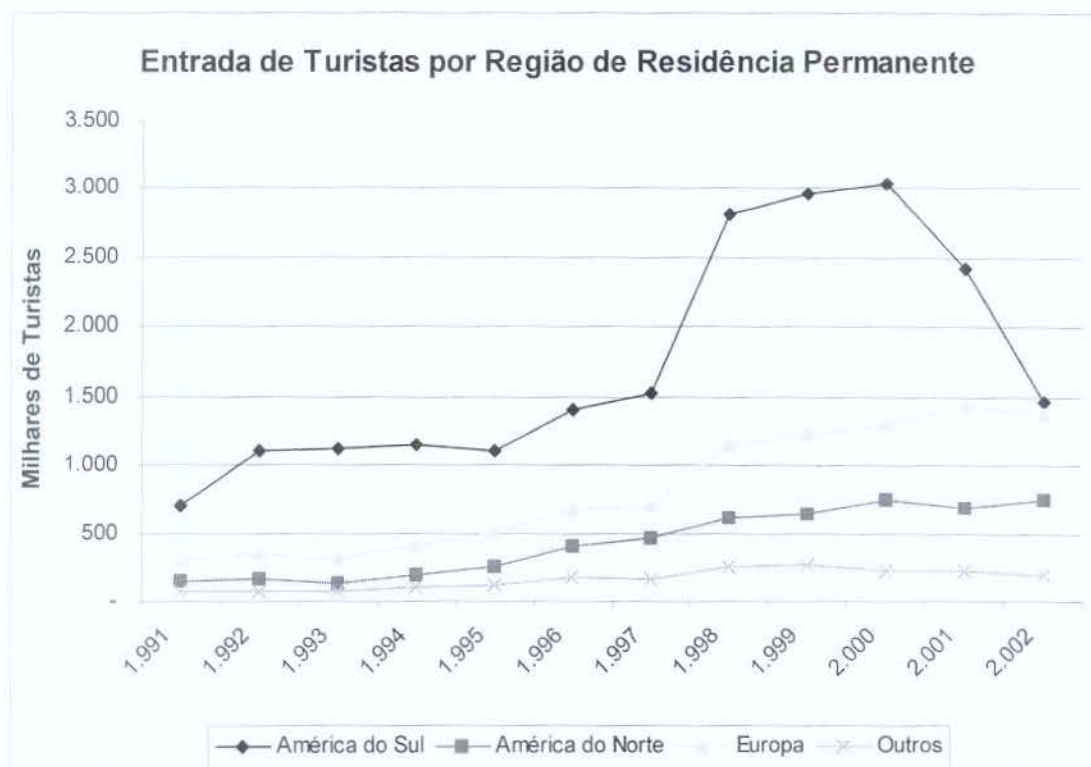
3

Fonte: Organização Mundial do Turismo – OMT

Apud Embratur

A América do Sul é a região do qual o Brasil recebe mais turistas, sendo cerca de 1.459 mil em 2002, cerca de 38% do total. Depois vem a Europa, com 1.375 mil em 2002 (36% do

total) e América do Norte com 753 mil (20% do total). O gráfico abaixo melhor ilustra a evolução do desembarque de turistas estrangeiros no país por região de residência permanente, desde 1991:



Fonte: Embratur

Cabe destacar a grande queda observada na chegada de turistas da América do Sul a partir de 2000, que alcançou um pico de 3 milhões em 2000, caindo para cerca de 1,5 milhões em 2002, o que explica a diminuição verificada na chegada de turistas estrangeiros observada anteriormente. Em 2001 essa diminuição pode ser explicada pelos atentados que assombraram o mundo 2001, mas a queda mais acentuada em 2002 não está ligada a esse fato, uma vez que o desembarque internacional de turistas no mundo inteiro aumentou 3,13% como ilustrado anteriormente. Essa queda se deve principalmente ao fato da Argentina ter passado por uma grande crise econômica em 2001 e 2002, conforme já citado anteriormente, o que afetou significativamente na vinda de turistas argentinos para o Brasil, sendo em 2001, 1.374.461 e apenas 696.568 em 2002, uma queda de 49%, segundo dados da EMBRATUR. O gráfico abaixo mostra os principais países emissores de turistas ao Brasil em 2001 e 2002, segundo dados da EMBRATUR:

Chegada de Turistas Estrangeiros no Brasil
Por região de procedência (em milhares)

	2001	%	2002	%
Argentina	1.374	28,8%	697	18,4%
Estados Unidos	597	12,5%	636	16,8%
Alemanha	320	6,7%	297	7,9%
Paraguai	286	6,0%	226	6,0%
França	184	3,9%	206	5,4%
Itália	216	4,5%	184	4,9%
Outros	1.796	37,6%	1.537	40,6%
Total	4.773	100,0%	3.783	100,0%

Fonte: Embratur

Em termos de geração de receita, pode se concluir que esteve diretamente correlacionada com o desembarque internacional de turistas no país de 1992 a 2002, variando pelas mesmas razões citadas e explicadas anteriormente, uma vez que o gasto médio per-capita e o tempo médio de permanência de turistas estrangeiros no país não apresentaram flutuações significativas no mesmo. Os gráficos abaixo melhor ilustram a evolução desses números:

Receita Cambial gerada pelo Turismo no Mundo, América do Sul e Brasil - 1992/2002

Ano	Receita (em US\$ bilhões)					
	No Mundo	Incremento (%)	Na América do Sul	Incremento (%)	No Brasil	Incremento (%)
1992	305,75	-	7,3	-	1,3	-
1993	321,47	5,14	8,5	16,44	1,1	-16,79
1994	354,0	10,12	8,3	-2,35	1,9	74,31
1995	405,1	14,44	9,3	1,20	2,1	8,93
1996	435,6	7,53	10,7	27,38	2,5	17,74
1997	436,0	0,09	11,4	6,54	2,6	5,10
1998	442,5	1,49	11,8	3,51	3,7	41,73
1999	455,0	2,82	11,6	-1,69	4,0	8,59
2000	477,9	5,03	12,2	5,17	4,2	5,86
2001	472,0	-1,23	11,3	-7,00	3,7	-12,46
2002	483,0	2,33	11,7	3,54	3,1	-16,22

Fonte: Organização Mundial do Turismo – OMT

Apud Embratur

**Renda, Gasto e Permanência do Turista Estrangeiro
1992/2001**

Ano	1992	1992	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Renda Média Anual (Individual - US\$)	36.310	33.977	38.462	39.676	41.463	45.705	38.440	37.506	33.736	34.727	32.041
Gasto Médio Per Capita (US\$)	66,79	67,83	60,53	77,10	70,39	72,80	67,57	79,08	84,38	81,21	86,17
Permanência Média (Dias)	13,5	13,1	13,86	13,10	13,16	12,90	13,00	14,00	12,06	12,20	14,40

Fonte: EMBRATUR

Apud Embratur

Pelos gráficos apresentados, observa-se que a geração de receitas no Brasil provenientes do turismo internacional teve um aumento médio de cerca de 9% ao ano, de 1992 a 2002, um aumento considerável, dado que a geração de receitas no mundo todo teve um crescimento médio de 4,48% ao ano e na América do Sul o crescimento foi de 4,83%. É importante notar também que apesar do considerável aumento das receitas médias anuais do setor turístico, a variação destas durante o período foi muito intensa. Isso mostra a vulnerabilidade das atividades turísticas no Brasil a variações no ambiente externo e interno.

Em relação ao gasto médio per-capita, o mesmo vem crescendo a taxas de 2,34% ao ano desde 1991, e o tempo médio de permanência praticamente permaneceu estável durante o período, o que mostra que a geração de receita esteve diretamente relacionada ao número de desembarques de turistas estrangeiros no país. Nesse sentido, para aumentar a geração de receitas provenientes do turismo, o país pode estimular a entrada de turistas estrangeiros, através de maior divulgação externa, ou promover maiores investimentos a fim de desenvolver mais ofertas turísticas com o intuito de aumentar o tempo de permanência do turista estrangeiro, bem como o gasto per-capita.

Apesar do aumento do número de entradas de turistas internacionais na década de 1990 e da receita cambial gerada pela atividade, o saldo da conta de Viagens internacionais da Balança de Serviços foi negativo durante quase todos os anos do período analisado, com exceção de 1991, que foi um ano de forte recessão econômica, e 1999 e 2000, quando a desvalorização cambial tornou as viagens internacionais consideravelmente mais caras para os brasileiros. Nos demais anos, em compensação, a Balança de Serviços manteve-se

fortemente negativa em consequência da sobrevalorização cambial, observada entre 1994 e 1998, a qual tornou os gastos em moeda forte e o preço das passagens aéreas internacionais relativamente baratas em relação ao gasto interno. Assim, o turismo emissivo foi intensificado durante o período, ocorrendo a reversão dessa tendência após de desvalorização cambial no início de 1999. As tabelas a seguir ilustram um pouco a situação descrita.

Balança de Serviços - Conta "Viagens Internacionais" - 1990/2000
Em US\$ mil

Anos	Receita	Despesa	Saldo
1990	1.444.171	1.559.079	(114.908)
1991	1.558.800	1.223.569	335.231
1992	1.307.065	-	-
1993	1.091.419	1.892.027	(800.608)
1994	1.294.800	2.930.900	(1.006.100)
1995	2.097.100	3.411.900	(1.314.800)
1996	2.469.146	4.438.000	(1.968.854)
1997	2.594.884	5.446.000	(2.851.116)
1998	3.678.029	5.732.000	(2.053.971)
1999	3.994.144	3.085.000	909.144
2000	4.227.606	3.893.000	334.606

Fonte: Embratur/ Bacen *apud* Oliveira (2004)

Venda de Pacotes Turísticos: Domésticos e Internacionais

Ano	Doméstico	Internacional
1996	30%	70%
1997	40%	60%
1998	49%	51%
1999	60%	40%

Fonte: Embratur/ Turismo no Brasil - Novos Rumos *apud* Oliveira (2004)

Tal situação se reflete na venda de pacotes turísticos domésticos e internacionais, como pode ser observado no gráfico acima. A partir de 1998, a venda de pacotes domésticos já supera os internacionais, e a diferença aumenta em 1999. Isso corrobora com o que foi exposto acima quanto a importância da desvalorização cambial para o comportamento do turismo no Brasil.

De acordo com o exposto acima, podemos concluir que durante a década de 1990, grande parte da demanda turística brasileira foi suprida pela oferta internacional, em decorrência da valorização cambial. Portanto, com a desvalorização, o turismo doméstico ganha

competitividade e uma grande demanda potencial com o possível deslocamento da demanda internacional para o turismo interno.

Porém, em se tratando de turismo interno, é mais difícil determinar com exatidão o número de turistas, bem como receitas geradas, uma vez que os pontos de chegada e partida são muitos e os meios de transporte utilizados também são os mais diversos, uma vez que a maioria das viagens são feitas com meios de transporte particulares e a hospedagem muitas vezes se dá em casas de parentes e amigos, dificultando a mensuração do tamanho do mercado turístico interno. Mesmo assim, a EMBRATUR apresenta uma coletânea de dados que será melhor analisada e discutida durante o trabalho.

Estima-se que em 1998, o número de turistas foi de aproximadamente 38,2 milhões, tendo aumentado para cerca de 41 milhões em 2001. A tabela abaixo, apesar das dificuldades acima expostas quanto a mensuração do turismo doméstico, ilustra, de forma aproximada, as características gerais do turismo interno no Brasil:

**Principais aspectos das viagens domésticas
1998 e 2001**

Itens	1998	2001
Número de Turistas	38.208.000	41.000.000
Meio de transporte utilizado		
- Ônibus de linha	49,6%	36,6%
- Ônibus de excursão	6,1%	6,5%
- Carro próprio	19,1%	30,9%
- Avião	6,8%	9,0%
Meio de hospedagem utilizado		
- Hotel	11,5%	15,0%
- Pousada	2,9%	5,0%
- Casa alugada	5,3%	5,0%
- Casa de amigos	73,2%	66,0%
Utilizam serviços agência de viagem	5,4%	7,7%
Duração média da viagem (dias)	11,7	10,8
Gasto médio por viagem (R\$)	492,3	486,6

Fonte: EMBRATUR

Apud Embratur

O meio de transporte mais utilizado pelos turistas domésticos é o ônibus de linha, representando quase 50% do transporte utilizado em 1998, em seguida vem o uso do carro próprio, com cerca de 20%. Porém, nota-se um aumento da preferência do uso do carro próprio em detrimento do ônibus de linha, uma vez que em 2001 o uso do ônibus caiu de 50% para 36% e o uso do carro próprio subiu de 19 para 31%.

Como hospedagem, o brasileiro prefere a casa de amigos ou parentes ao invés de hotéis, pousadas ou casas alugadas, uma vez que cerca de 66% dos meios de hospedagem utilizados foram as casas de amigos ou parentes. Esse predomínio do uso de casa de parentes ou amigos como meio de hospedagem pode ser explicado por esse ser o meio mais barato e simples de se hospedar em viagens turísticas, refletindo até mesmo a condição sócio-econômica da população brasileira, com pouca renda disponível para os gastos com lazer. Além disso, poucos turistas utilizam agências de viagem para programar seus passeios.

Essas características mostram que o mercado de turismo doméstico no Brasil ainda não é abrangente e profissional, revelando um imenso potencial de desenvolvimento para o setor. Devemos ressaltar que apesar de ainda insignificante, esse mercado dá indícios de crescimento, uma vez que a participação dos hotéis e pousadas como meio de hospedagem cresceu de cerca de 14,5% em 1998 para 20% em 2001 e o uso de agências cresceu de 5,4% para 7,7% em 2001. Porém, a duração média e o gasto médio das viagens sofreram uma ligeira queda de 1998 para 2001.

Podemos destacar, ainda, os principais destinos para os turistas domésticos são as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Fortaleza, tendo atraído em 2001, 4,6% , 3,2% e 2,4% do total de turistas domésticos. A cidade de São Paulo aparece como principal destino por ser um grande pólo de serviços e negócios, o que atrai, todo ano, dezenas de eventos, feiras e exposições dos mais variados ramos de atividade, fazendo com que a cidade receba inúmeros turistas durante todo o ano. Rio de Janeiro e Fortaleza são cidades mais voltadas para o turismo tradicional, por ofertarem grandes hotéis e belezas naturais aos mais variados turistas, por isso mesmo, essas cidades apresentam grande concentração de turistas

nos meses de verão. A tabela abaixo melhor ilustra os principais destinos dos turistas domésticos:

**Principais destinos do mercado doméstico
1998 e 2001**

Destinos	(em % do fluxo)	
	1998	2001
São Paulo	4,1	4,6
Rio de Janeiro	3,5	3,2
Fortaleza	2,5	2,4
Salvador	1,6	2,0
Natal	1,6	1,8
Porto Alegre	1,5	1,7
Santos	1,4	1,7
Belo Horizonte	1,0	1,7
Recife	1,9	1,6
Itanhaém	-	1,6
Brasília	1,2	1,6
Porto Seguro	1,4	1,4
Curitiba	1,6	1,4

Fonte: Estudo do Mercado Doméstico (FIPE)

Apud Embratur

Assim, de acordo com o que foi visto neste capítulo, o turismo alcançou um significativo crescimento durante a década de 1990 no Brasil. Esse crescimento, porém, esteve muito aquém das possibilidades apresentadas pelo país. Como foi observado, a reversão do fluxo de turistas brasileiros para o exterior ocorrida a partir de 1998 não significou um aumento do turismo doméstico na mesma intensidade. Isso mostra que o setor apresenta grande potencial de crescimento, quanto mais se contarmos com a expansão da demanda mundial por essa atividade.

Após o panorama do turismo no mundo e no Brasil, apresentaremos no próximo capítulo a estruturação do mercado de trabalho relacionado a essa atividade. Para isso, será traçado o perfil do trabalho formal, com base em estatísticas do Ministério do Trabalho e Emprego, e em seguida será feita uma breve exposição quanto ao mercado de trabalho turístico de forma mais geral, englobando o setor formal e o informal. A partir disso, então, apresentaremos as principais conclusões a que podemos chegar quanto a importância do setor em termos de geração de emprego, assim como quanto ao perfil do emprego gerado.

Capítulo III: Emprego no Setor Turístico

1) Perfil da Força de Trabalho Formal no Setor Turístico

Nesta parte do trabalho, será feita uma análise do trabalho formal nas atividades turísticas com base na elaboração de tabulações da RAIS (Registro Anual de Informação Social)⁴.

Os segmentos da economia selecionados para a análise neste trabalho procuram seguir a metodologia das Contas Satélites do Turismo definida pela OMT, abrangendo hotéis e outros serviços de alojamento, serviços de provisão de comidas e bebidas, vários tipos de transporte de passageiros, agências de viagens, operadoras de turismo, aluguel de veículos, serviços culturais, de entretenimento e lazer.

É importante ressaltar que os segmentos selecionados para compor o setor turístico em nossas análises não são segmentos que sofrem influência apenas atividades turísticas, pois são serviços *conexos*, ou seja, que apesar de sofrer influência direta das atividades turísticas, não existem apenas em função dela. Apenas os segmentos de agências de viagens e alojamento serviços seriam os que mais se aproximariam do conceito de *característicos*, como já definido anteriormente nesse trabalho.

Assim sendo, não é possível afirmar com exatidão que o comportamento dos elementos que iremos analisar com relação ao mercado de trabalho delineado pelos segmentos selecionados esteja estritamente refletindo o que ocorreu com os trabalhadores do setor turístico. Salientamos, portanto, que a análise aqui pretendida consiste em uma aproximação, em decorrência da inexistência de dados mais precisos, com relação ao comportamento do mercado de trabalho relacionado ao setor turístico, especificamente.

⁴ A RAIS é um registro administrativo, de âmbito nacional, com periodicidade anual, obrigatório para todos os estabelecimentos, inclusive aqueles sem ocorrência de vínculo empregatício. A cobertura da RAIS é de cerca de 90% do universo do mercado de trabalho formal brasileiro (MTE/RAIS).

Com relação à base de dados, utilizaremos as informações referentes aos anos de 1994 e 2002, para que possamos apreender quais as principais mudanças e caracterizar o mercado de trabalho relacionado ao turismo nos anos mais recentes.

Feitas as observações iniciais consideradas relevantes, seguiremos com a análise.

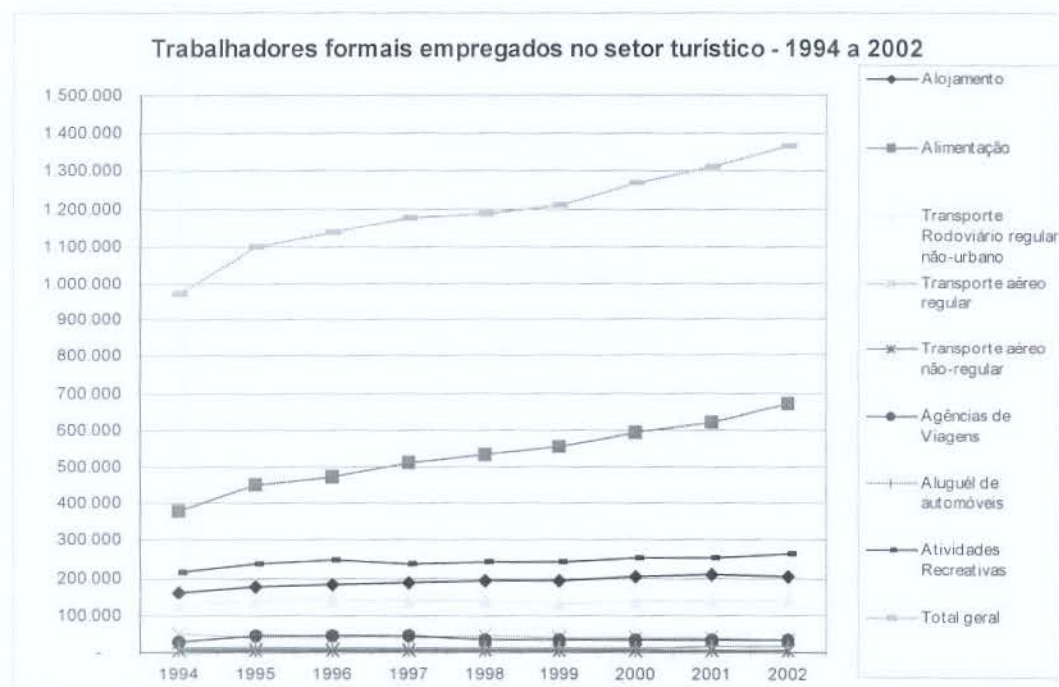
Examinando os aspectos relativos à força de trabalho no segmento de turismo com base nos dados da RAIS, dadas as limitações acima mencionadas, verificou-se que o mesmo empregava cerca de 971.331 trabalhadores em 1994, dentro de um total de 22.052.983 trabalhadores, ou seja, 4,4% do mercado de trabalho formal. Em 2002 passou a empregar, formalmente, 1.366.326 trabalhadores, em um total de 28.683.913, ou seja, 4,8% do mercado de trabalho formal. Em 8 anos foram gerados aproximadamente 394.995 novos empregos formais, número bastante significativo para o segmento turístico - corresponde a um incremento de 41% - enquanto os empregos formais cresceram 30% no período.

Para ilustrar o comportamento do nível de emprego nos segmentos selecionados no período em questão, foram elaborados a tabela e o gráfico que se seguem. Através deles, é possível verificar que, exceto para os segmentos de transporte aéreo, houve um aumento significativo do emprego formal no setor. Se focarmos nos segmentos característicos, como o de agências de viagens notamos um significativo incremento do emprego no início do período, de 1994 para 1995, e uma posterior retração até 1999, a partir de quando observou crescimento modesto. Com relação ao setor de alojamento, por sua vez, também registrou um aumento mais significativo de 1994 para 1995, mas manteve crescimento tímido durante toda a década.

Empregos Formais no Setor Turístico, no Brasil

	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Alojamento	161.835	175.511	180.220	187.010	191.028	194.171	201.649	208.455	204.696
Alimentação	380.489	450.258	473.345	512.438	532.287	552.412	591.661	622.426	669.584
Rodoviário regular não-urbano	124.865	135.946	140.409	139.608	137.319	133.759	136.054	138.966	140.335
Transporte aéreo regular	47.657	41.134	39.965	40.321	41.804	36.901	37.416	37.425	34.749
Transporte aéreo não-regular	5.016	3.161	3.221	3.312	3.421	3.851	4.835	4.602	4.606
Agências de Viagens	29.478	46.439	44.202	44.004	30.966	32.502	34.099	34.203	34.745
Aluguêl de automóveis	10.069	9.672	9.905	10.375	10.986	12.283	12.737	14.460	16.379
Atividades Recreativas	211.922	236.302	246.412	238.616	239.160	243.149	250.327	252.425	261.232
Total geral	971.331	1.098.423	1.137.679	1.175.684	1.186.971	1.209.028	1.268.778	1.312.962	1.366.326

Fonte: MTE/RAIS



Fonte: MTE / RAIS

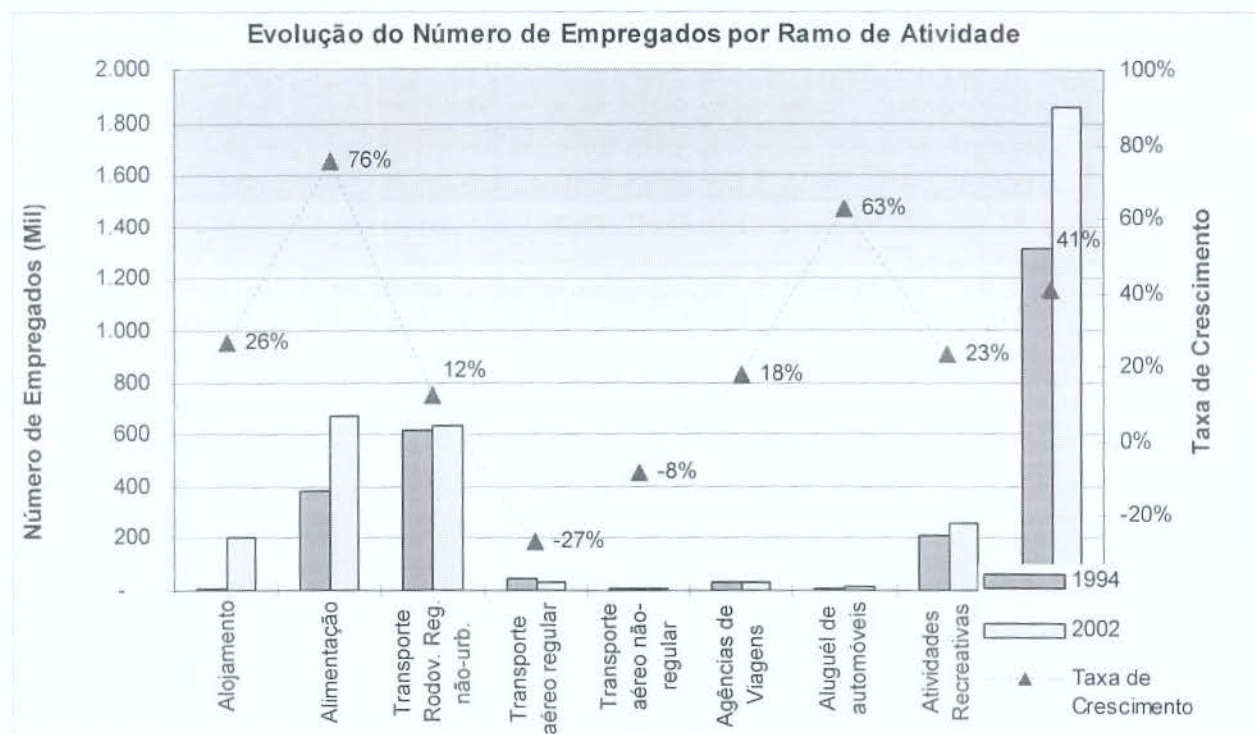
De outra forma, comparando os anos de 1994 e 2002, o ramo que registrou maior número de participação em 1994 foi o de alimentação, com 39%, ganhando participação em 2002 e foi para 49%. Isso significa que, aproximadamente, a metade dos trabalhadores formais empregados em atividades relacionadas ao setor turístico estariam no segmento de

alimentação. Tal atividade destoa das demais, as quais perderam participação em relação ao total de trabalhadores do setor, apresentado taxas de crescimento do emprego abaixo da observado no segmento de alimentação. Para ilustrar o exposto seguem a tabela e o gráfico a baixo:

Nº de empregados por ramo de atividade
Brasil, 1994 e 2002

	1994		2002		Taxa de crescimento
Alojamento	161.835	17%	204.696	15%	26%
Alimentação	380.489	39%	669.584	49%	76%
Transporte Rodoviário regular não-urbano	124.865	13%	140.335	10%	12%
Transporte aéreo regular	47.657	5%	34.749	3%	-27%
Transporte aéreo não-regular	5.016	1%	4.606	0%	-8%
Agências de Viagens	29.478	3%	34.745	3%	18%
Aluguél de automóveis	10.069	1%	16.379	1%	63%
Atividades Recreativas	211.922	22%	261.232	19%	23%
Total geral	971.331	100%	1.366.326	100%	41%

Fonte: MTE / RAIS



Fonte: MTE / RAIS

De acordo com o gráfico acima, a atividade que teve o maior percentual de aumento do número de trabalhadores foi a de alimentação, seguida do ramo de aluguel de automóveis,

sendo que as atividades de transporte aéreo observaram crescimento negativo, como já havíamos mencionado.

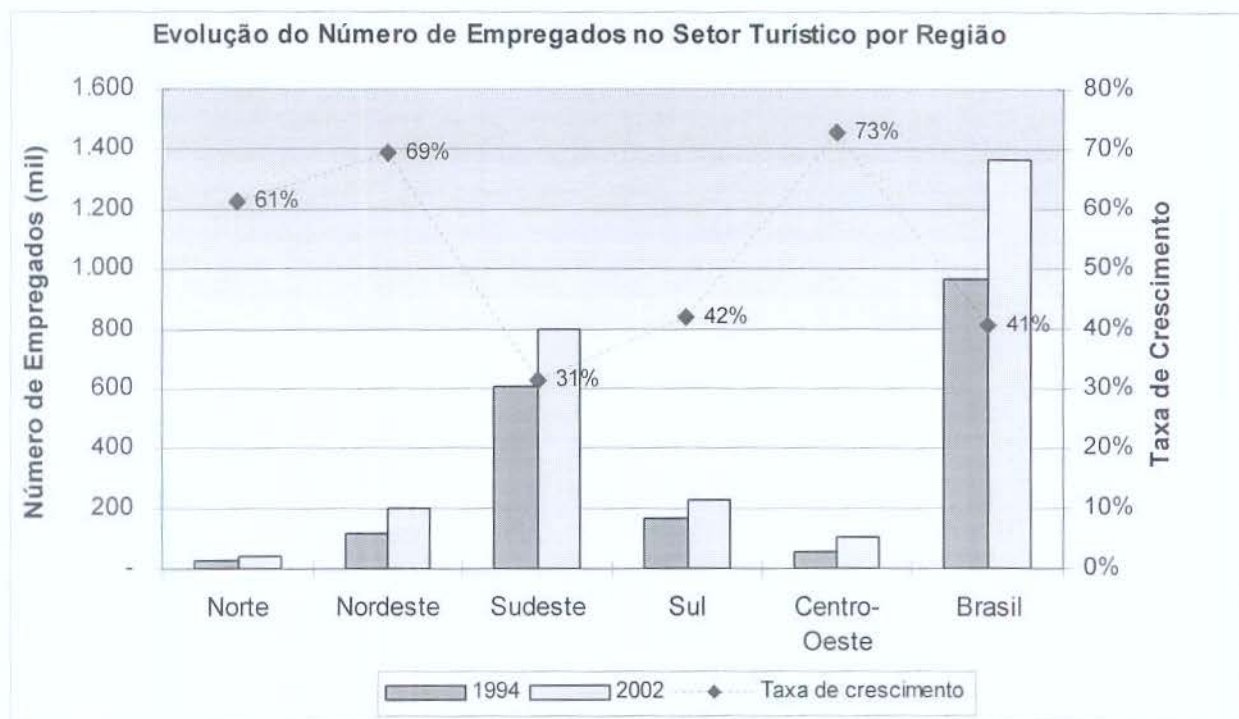
Com relação à distribuição espacial dos trabalhadores do setor turístico, podemos verificar que a região Sudeste concentra o maior número de empregados do setor. De 1994 a 2002, essa região perdeu 5% de participação, passando de 63% para 58% do total de trabalhadores formais. Em contrapartida, a região nordeste passou de 12% para 14%, a região Sul e Norte mantiveram 17% e 3%, respectivamente, e a Centro-Oeste passou de 6% para 7%. A tabela abaixo, mostra a distribuição dos empregados em atividades turísticas entre as macrorregiões brasileiras e entre os diferentes setores de atividades,

**Trabalhadores formais empregados no setor turísticos
Brasil e Grandes Regiões, 1994 e 2002**

	1994		2002		Taxa de crescimento
Norte	26.975	3%	43.509	3%	61%
Nordeste	116.010	12%	196.560	14%	69%
Sudeste	607.364	63%	796.508	58%	31%
Sul	161.684	17%	229.484	17%	42%
Centro-Oeste	58.019	6%	100.265	7%	73%
Ignorados	1.279	0%	-	0%	-
Total - Brasil	971.331	100%	1.366.326	100%	41%

Fonte: MTE/ RAIS

A perda de participação da região Sudeste está relacionada ao fato de a taxa de crescimento do número de empregados dessa região ser menor que das demais regiões e a baixo da média nacional, como pode ser observado no gráfico a seguir:



Fonte: MTE / RAIS

Como pudemos observar através do gráfico acima que, apesar de ter reduzido sua proporção do total de trabalhadores empregados em atividades turísticas, a região Sudeste continua sendo a região que mais emprega trabalhadores nesse setor, seguida da região Sul e Nordeste. É importante observar, também, que as regiões que tiveram maior aumento no emprego no período de 1994 a 2002 foram as regiões Centro-Oeste, com 73%, e Nordeste, com 69% de aumento no número de empregados.

Em se tratando das características específicas dos trabalhadores, começaremos analisando a questão do gênero. Comparando os dados de 1994 com os de 2002, percebe-se que cresceu a presença das mulheres em todos os ramos da atividade econômica, com a exceção do ramo de transporte aéreo não-regular, em que houve redução da participação feminina e dos ramos de Transporte Rodoviário e Aluguel de automóveis, os quais mantiveram a mesma proporção de mulheres e de homens. Destaca-se, ainda, que em 2002 permanece a tendência observada para 1994, com a menor participação feminina no ramo de Transporte Rodoviário e maior no de alojamento, onde as mulheres chegaram a ser maioria. Os dados da tabela abaixo mostram a composição da força de trabalho por gênero, vejamos:

Trabalhadores Fomais em atividades Turísticas
Distribuição por gênero, 1994

	Alojamento	Alimentação	Transporte Rodoviário regular não-urbano	Transporte aéreo regular	Transporte aéreo não-regular	Agências de Viagens	Aluguél de automóveis	Atividades Recreativas	Total geral
MASCULINO	53%	58%	91%	62%	77%	56%	77%	67%	64%
FEMININO	47%	42%	9%	38%	23%	44%	23%	33%	36%
IGNORADO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
TOTAL GERAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: MTE / RAIS

Trabalhadores Fomais em atividades Turísticas
Distribuição por gênero, 2002

	Alojamento	Alimentação	Transporte Rodoviário regular não-urbano	Transporte aéreo regular	Transporte aéreo não-regular	Agências de Viagens	Aluguél de automóveis	Atividades Recreativas	Total geral
MASCULINO	47%	53%	91%	60%	83%	50%	77%	62%	58%
FEMININO	53%	47%	9%	40%	17%	50%	23%	38%	42%
IGNORADO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
TOTAL GERAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: MTE / RAIS

No que diz respeito a remuneração, podemos observar através das tabelas que 58% dos empregados no setor turístico ganhavam entre 1 e 3 salários mínimos em 1994. Em 2002, esse percentual cresceu pra 72%. Além disso, o percentual de empregados que encontram-se nas faixas salariais a partir de 3 salários mínimos reduziu-se de 36%, em 1994, para 23% em 2002.

Com relação aos ramos de atividade, podemos observar que em 2002, dentre os empregados nos ramos de Alojamento e de Agências de Viagens, que representam cerca de 18% da força de trabalho analisada e são setores característicos, 79% e 61%, respectivamente, recebem entre 1 e 3 salários mínimos. Por outro lado, os ramos de transporte aéreo regular e não regular, são os que tem menor participação dessa faixa de remuneração entre seus empregados, com 10% e 27% respectivamente. Essa tendência também era observada, da mesma forma, em 1994, como podemos ver nas tabelas a seguir:

Trabalhadores Formais em atividades Turísticas
Faixa de Remuneração média - 1994

	Alojamento	Alimentação	Transporte Rodoviário regular não-urbano	Transporte aéreo regular	Transporte aéreo não-regular	Agências de Viagens	Aluguél de automóveis	Atividades Recreativas	Total geral
ATE 0,50	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
0,51 1,00	4%	4%	1%	0%	2%	5%	2%	5%	4%
1,01 1,50	23%	28%	5%	1%	4%	20%	7%	14%	19%
1,51 2,00	19%	22%	8%	2%	3%	19%	8%	13%	16%
2,01 3,00	25%	29%	21%	4%	9%	18%	23%	19%	23%
3,01 4,00	11%	7%	17%	5%	16%	11%	19%	11%	10%
4,01 5,00	5%	3%	15%	6%	8%	7%	14%	7%	6%
5,01 7,00	5%	2%	23%	16%	13%	7%	12%	9%	8%
7,01 10,00	3%	2%	6%	20%	13%	6%	6%	7%	5%
10,01 15,00	2%	1%	2%	25%	13%	3%	4%	6%	4%
15,01 20,00	0%	0%	0%	8%	6%	1%	1%	2%	1%
MAIS DE 20,0	1%	1%	0%	14%	11%	1%	2%	3%	2%
IGNORADO	2%	2%	1%	0%	1%	1%	1%	2%	1%
TOTAL GERAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: MTE/RAIS

Trabalhadores Formais em atividades Turísticas
Faixa de Remuneração média - 2002

	Alojamento	Alimentação	Transporte Rodoviário regular não-urbano	Transporte aéreo regular	Transporte aéreo não-regular	Agências de Viagens	Aluguél de automóveis	Atividades Recreativas	Total geral
ATE 0,50	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	1%	0%
0,51 1,00	3%	5%	1%	0%	1%	3%	5%	5%	4%
1,01 1,50	32%	37%	10%	0%	3%	19%	13%	21%	29%
1,51 2,00	24%	25%	13%	1%	8%	18%	16%	18%	21%
2,01 3,00	23%	23%	22%	9%	16%	24%	27%	20%	22%
3,01 4,00	8%	5%	19%	11%	13%	13%	19%	9%	8%
4,01 5,00	4%	2%	20%	11%	9%	8%	8%	6%	5%
5,01 7,00	3%	1%	12%	12%	12%	8%	7%	7%	4%
7,01 10,00	2%	1%	2%	15%	12%	4%	3%	5%	2%
10,01 15,00	1%	0%	1%	16%	12%	2%	1%	4%	2%
15,01 20,00	0%	0%	0%	8%	5%	1%	0%	2%	1%
MAIS DE 20,0	0%	0%	0%	17%	8%	1%	1%	3%	1%
IGNORADO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
TOTAL GERAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: MTE/RAIS

Diante disso, temos que a remuneração média dos trabalhadores formais do setor turístico em 1994 era 3,4 salários mínimos e em 2002 esse número foi para 3. Vejamos a remuneração média dos trabalhadores em cada ramo de atividade:

Trabalhadores Fomais em atividades Turísticas
Remuneração média em salários mínimos

Ramo de Atividade	1994	2002
Alojamento	2,9	2,4
Alimentação	2,4	2,0
Transporte Rodoviário regular não-urbano	4,3	3,5
Transporte aéreo regular	12,5	12,2
Transporte aéreo não-regular	9,7	8,0
Agências de Viagens	3,6	3,3
Aluguél de automóveis	4,8	3,3
Atividades Recreativas	5,0	4,4
Total geral	3,4	3,0

Fonte: MTE/RAIS

Como podemos ver, a remuneração média de todos os ramos apresentou redução na comparação entre os anos de 1994 e 2002. Não podemos deixar de observar, no entanto, que houve um aumento do poder de compra do salário mínimo de 1994 para 2002. Isso significa que apesar de ter decrescido em termos de salários mínimos, a remuneração média dos trabalhadores do setor turístico pode ter aumentado em termos reais.

Em relação à jornada de trabalho, por sua vez, temos que, em 1994, 85% dos trabalhadores eram contratados para uma jornada de 41 a 44 horas semanais, 9% para 31 a 40 horas e 3% para uma jornada de 21 a 30 horas por semana. Ao observamos cada ramo de atividade em particular, notamos que as atividades de transporte aéreo são as que, em média, possuem a menos jornada semanal, ao contrário do ramo de transporte rodoviário, o qual possui jornada mais extensa.

Em 2002, cresceu a quantidade de trabalhadores inseridos em uma jornada de 41 a 44 horas semanais. Contudo, isso não significou o aumento da média de horas trabalhadas por cada trabalhador, que se manteve em 42 horas para os dois anos observados. As tabelas a seguir ilustram melhor a questão.

Trabalhadores Formais em Atividades Turísticas
Faixa de horas contratuais semanais 1994

	Alojamento	Alimentação	Transporte Rodoviário regular não-urbano	Transporte aéreo regular	Transporte aéreo não-regular	Agências de Viagens	Aluguel de automóveis	Atividades Recreativas	Total geral
ATE 12 HS	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	2%	0%
13 A 15 HS	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
16 A 20 HS	0%	2%	0%	10%	9%	0%	0%	2%	2%
21 A 30 HS	1%	1%	0%	5%	2%	1%	0%	10%	3%
31 A 40 HS	4%	4%	2%	36%	33%	11%	3%	20%	9%
41 A 44 HS	95%	93%	97%	49%	55%	87%	96%	66%	85%
45 A 48 HS	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
MAIS DE 48	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
IGNORADO	0%	0%	0%	0%	0%	1%	0%	0%	0%
TOTAL GERAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: MTE /RAIS

Trabalhadores Formais em Atividades Turísticas
Faixa de horas contratuais semanais 2002

	Alojamento	Alimentação	Transporte Rodoviário regular não-urbano	Transporte aéreo regular	Transporte aéreo não-regular	Agências de Viagens	Aluguel de automóveis	Atividades Recreativas	Total geral
ATE 12 HS	1%	0%	0%	12%	0%	1%	0%	2%	1%
13 A 15 HS	0%	0%	0%	4%	0%	0%	0%	0%	0%
16 A 20 HS	0%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	1%	1%
21 A 30 HS	1%	2%	0%	2%	2%	1%	2%	8%	3%
31 A 40 HS	3%	3%	3%	28%	14%	9%	3%	16%	6%
41 A 44 HS	96%	94%	97%	54%	83%	90%	95%	73%	89%
45 A 48 HS	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
MAIS DE 48	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
IGNORADO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
TOTAL GERAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: MTE /RAIS

Trabalhadores Formais em Atividades Turísticas
Média de horas contratuais por semana

Ramo de atividade	1994	2002
Alojamento	43	43
Alimentação	43	43
Transporte Rodoviário Regular não-urbano	44	44
Transporte aéreo regular	38	36
Transporte aéreo não-regular	38	42
Agência de Viagens	43	43
Aluguel de automóveis	44	43
Atividades Recreativas	40	40
TOTAL GERAL	42	42

Fonte: MTE/RAIS 1994, 2002

Em termos de escolaridade percebe-se, claramente, a elevação dos anos de estudo da força de trabalho empregada no segmento, quando se comparam os anos de 1994 e 2002. Com efeito, amplia-se a participação dos trabalhadores com 8ª série completa ou mais anos de escolaridade e se retrai a dos que possuem menos anos de estudo. Em 1994, os graus de instrução mais significativos eram o de 4ª Série completa e 8ª Série incompleta, com 21% dos trabalhadores cada, e em 2002 o grau de escolaridade mais expressivo era o de 8ª Série

completa, com 25%. Além disso, para todos os ramos de atividade, há um aumento da participação dos trabalhadores com o segundo grau completo. A tabela abaixo ilustra essa situação, vejamos:

Trabalhadores Formais em atividades Turísticas
Grau de Instrução - 1994

	Alojamento	Alimentação	Transporte Rodoviário regular não-urbano	Transporte aéreo regular	Transporte aéreo não-regular	Agências de Viagens	Aluguél de automóveis	Atividades Recreativas	Total geral
ANALFABETO	2%	2%	1%	0%	1%	1%	2%	2%	2%
4.SER INCOMP	9%	7%	7%	3%	3%	2%	6%	7%	7%
4.SER COMP	23%	25%	29%	7%	5%	5%	12%	13%	21%
8.SER INCOMP	22%	25%	29%	4%	8%	10%	16%	15%	21%
8.SER COMP	21%	23%	16%	13%	13%	18%	19%	16%	20%
2.GR INCOMP	8%	10%	7%	5%	20%	15%	11%	11%	9%
2.GR COMP	11%	6%	8%	36%	31%	33%	23%	21%	13%
SUP. INCOMP	2%	1%	1%	9%	11%	8%	6%	5%	3%
SUP. COMP	2%	1%	1%	22%	9%	9%	6%	10%	5%
IGNORADO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
TOTAL GERAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: MTE/RAIS

Trabalhadores Formais em atividades Turísticas
Grau de Instrução - 2002

	Alojamento	Alimentação	Transporte Rodoviário regular não-urbano	Transporte aéreo regular	Transporte aéreo não-regular	Agências de Viagens	Aluguél de automóveis	Atividades Recreativas	Total geral
ANALFABETO	1%	1%	1%	0%	0%	0%	1%	1%	1%
4.SER INCOMP	5%	4%	5%	1%	1%	1%	2%	4%	4%
4.SER COMP	13%	11%	17%	2%	2%	3%	8%	7%	11%
8.SER INCOMP	18%	19%	25%	2%	4%	6%	12%	11%	17%
8.SER COMP	26%	30%	23%	5%	9%	13%	18%	17%	25%
2.GR INCOMP	11%	15%	10%	5%	6%	11%	11%	11%	13%
2.GR COMP	20%	18%	17%	58%	51%	45%	37%	32%	23%
SUP. INCOMP	2%	1%	1%	15%	11%	11%	6%	6%	3%
SUP. COMP	3%	1%	1%	12%	15%	10%	5%	11%	4%
IGNORADO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
TOTAL GERAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: MTE/RAIS

Com relação à faixa etária dos trabalhadores, ao compararmos os anos de 1994 e 2002, não observamos diferenças significativas na distribuição dos trabalhadores. A faixa etária mais representativa nos dois anos analisados é a de 30 a 39 anos, com 31% dos trabalhadores. A idade média dos trabalhadores em 1994 e em 2002 teve pouca alteração, indo de 32 para 33 anos.

Entre os ramos de atividade, também podemos observar certa estabilidade, não havendo grandes variações entre as idades médias observadas em cada um deles. Em 1994, o ramo de transporte aéreo regular apresentou a maior idade média, 37 anos, e o ramo de agências de viagens a menor, 29 anos. Em 2002, o ramos onde observou-se a maior idade média dos trabalhadores foram o de transporte rodoviário e o de transporte aéreo não-regular, com 36 anos, e onde observou-se a menos idade foi o de alimentação, 31 anos.

Trabalhadores Fomais em atividades Turísticas
Idade média, em anos

Ramo de Atividade	1994	2002
Alojamento	33	34
Alimentação	30	31
Transporte Rodoviário regular não-urbano	35	36
Transporte aéreo regular	37	34
Transporte aéreo não-regular	33	36
Agências de Viagens	29	32
Aluguél de automóveis	32	34
Atividades Recreativas	34	34
Total geral	32	33

Fonte: MTE/RAIS

É importante observarmos, também, o tempo de emprego dos trabalhadores do setor. Através da tabela a seguir, é possível notar que o tempo de emprego varia bastante de atividade para atividade. O tempo médio de emprego das atividades turísticas no total aumentou de 35 meses em 1994, para 37 meses em 2002. O ramo em que o tempo de emprego é maior, indicando uma maior estabilidade do emprego, é o de transporte aéreo regular, apesar de ter apresentado grande redução do tempo de emprego dos trabalhadores no período. Por outro lado, o ramo de alimentação foi o que apresentou mais rotatividade, uma vez que seus trabalhadores têm, em média, 26 meses de trabalho no vínculo empregatício informado à RAIS, em 2002. Em 1994, o ramo com menor tempo médio de emprego foi o de aluguel de automóveis, com 23 meses.

Trabalhadores Fomais em atividades Turísticas
Tempo de emprego do trabalhador, em meses

Ramo de Atividade	1994	2002
Alojamento	32	37
Alimentação	25	26
Transporte Rodoviário regular não-urbano	44	52
Transporte aéreo regular	122	80
Transporte aéreo não-regular	40	36
Agências de Viagens	28	35
Aluguél de automóveis	23	25
Atividades Recreativas	53	53
Total geral	35	37

Fonte: MTE/RAIS

De acordo com a tabela, é possível verificar que em nenhum dos ramos o tempo de emprego médio dos trabalhadores no vínculo informado foi inferior a 1 ano. Diante disso, não é possível verificarmos com os dados da RAIS, a questão da sazonalidade do emprego no setor turístico, tão comentada pelos estudiosos do assunto. Para ilustrar o problema, vejamos as tabelas a seguir:

Trabalhadores formais em atividades Turísticas
Mês de admissão, 1994

	Alojamento	Alimentação	Transporte Rodoviário regular não-urbano	Transporte aéreo regular	Transporte aéreo não-regular	Agências de Viagens	Aluguél de automóveis	Atividades Recreativas	Total geral
JANEIRO	3%	3%	2%	1%	1%	3%	4%	2%	2%
FEVEREIRO	2%	2%	1%	1%	2%	2%	3%	2%	2%
MARCO	3%	3%	2%	1%	2%	3%	3%	2%	2%
ABRIL	2%	3%	2%	1%	2%	3%	3%	2%	2%
MAIO	3%	3%	2%	0%	2%	3%	3%	2%	2%
JUNHO	3%	3%	2%	0%	2%	3%	3%	2%	2%
JULHO	3%	3%	2%	1%	2%	3%	3%	2%	3%
AGOSTO	4%	5%	2%	1%	2%	3%	5%	3%	4%
SETEMBRO	4%	5%	3%	1%	3%	4%	4%	3%	4%
OUTUBRO	5%	6%	3%	1%	5%	4%	6%	3%	5%
NOVEMBRO	6%	7%	4%	1%	3%	6%	6%	4%	5%
DEZEMBRO	6%	7%	4%	1%	3%	4%	6%	3%	5%
NAO ADM ANO	58%	50%	72%	92%	70%	58%	51%	70%	61%
IGNORADO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
TOTAL GERAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: MTE /RAIS

Trabalhadores formais em atividades Turísticas
Mês de admissão, 2002

	Alojamento	Alimentação	Transporte Rodoviário regular não-urbano	Transporte aéreo regular	Transporte aéreo não-regular	Agências de Viagens	Aluguel de automóveis	Atividades Recreativas	Total geral
JANEIRO	2%	3%	1%	2%	2%	3%	3%	2%	2%
FEVEREIRO	2%	2%	1%	1%	2%	2%	2%	2%	2%
MARCO	2%	3%	2%	2%	8%	3%	3%	2%	3%
ABRIL	2%	3%	2%	2%	2%	3%	4%	3%	3%
MAIO	3%	3%	2%	2%	3%	3%	5%	2%	3%
JUNHO	2%	3%	2%	2%	5%	3%	3%	2%	3%
JULHO	3%	4%	2%	1%	3%	3%	4%	2%	3%
AGOSTO	3%	4%	2%	2%	3%	3%	4%	3%	3%
SETEMBRO	3%	4%	2%	1%	4%	3%	4%	3%	4%
OUTUBRO	4%	5%	3%	2%	3%	4%	4%	3%	4%
NOVEMBRO	4%	6%	3%	1%	4%	3%	4%	3%	5%
DEZEMBRO	5%	5%	3%	1%	4%	3%	4%	2%	4%
NAO ADM ANO	64%	54%	74%	81%	58%	63%	57%	71%	62%
IGNORADO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
TOTAL GERAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: MTE /RAIS

É possível notarmos que as contratações variam pouco do durante o ano, havendo um maior número de contratações nos meses de outubro, novembro e dezembro. Como a maior parte dos empregados não foi contratada no ano e esses meses citados são os meses em que ocorrem mais contratações na maioria das atividades econômicas, não podemos dizer, através desses dados, que a atividade turística é uma atividade sazonal, em relação ao emprego.

Outro dado importante de ser analisado é o tipo de vínculo empregatício dos trabalhadores das atividades turísticas. De acordo com as tabelas a seguir, podemos verificar que praticamente a totalidade dos trabalhadores formais do setor tem o contrato de trabalho firmado com pessoa jurídica e regido pela CLT. Isso pode ser observado em todos os ramos de atividade e e nos dois anos analisados, 1994 e 2002, como mostram as tabelas a seguir:

Trabalhadores formais em atividades Turísticas
Tipo de vínculo empregatício, 1994

	Alojamento	Alimentação	Transporte Rodoviário regular não-urbano	Transporte aéreo regular	Transporte aéreo não-regular	Agências de Viagens	Aluguel de automóveis	Atividades Recreativas	Total geral
CLT URB/JURD	96%	97%	99%	72%	95%	96%	96%	92%	95%
CLT URB/FIS	1%	0%	0%	0%	1%	0%	1%	2%	1%
CLT RUR/JURD	0%	0%	0%	2%	0%	0%	0%	0%	0%
CLT RUR/FIS	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
ESTATUTARIO	0%	0%	0%	26%	0%	0%	0%	3%	2%
ESTAT N/EFET	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
AVULSO	0%	0%	0%	0%	3%	0%	0%	0%	0%
TEMPORARIO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
CLT URB TDET	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
CLT RUR TDET	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
DIRETOR	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
IGNORADO	2%	2%	0%	0%	0%	3%	2%	2%	2%
TOTAL GERAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: MTE /RAIS

Trabalhadores formais em atividades Turísticas
Tipo de vínculo empregatício, 2002

	Alojamento	Alimentação	Transporte Rodoviário regular não-urbano	Transporte aéreo regular	Transporte aéreo não-regular	Agências de Viagens	Aluguel de automóveis	Atividades Recreativas	Total geral
CLT U/PJ IND	99%	99%	99%	100%	99%	99%	99%	96%	99%
CLT U/PF IND	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
CLT R/PJ IND	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
CLT R/PF IND	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
ESTATUTARIO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	2%	0%
ESTAT N/EFET	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
AVULSO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
TEMPORARIO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
MENOR APREND	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
CLT U/PJ DET	1%	0%	0%	0%	0%	0%	1%	1%	0%
CLT U/PF DET	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
DIRETOR	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
CONT PRZ DET	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
CONT TMP DET	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
IGNORADO	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
TOTAL GERAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: MTE /RAIS

Assim, pudemos observar nessa primeira parte do capítulo o perfil da força de trabalho formal no setor turístico. Como foi observado, a taxa de crescimento do emprego no setor foi maior que a apresentada para o total de empregos formais no período de 1994 a 2002. O segmento de alimentação permaneceu como o que mais emprega, com significativo crescimento no período, chegando a quase metade do emprego turístico. Contudo, por ser um segmento conexo, não é possível concluir de forma definitiva que esse crescimento ocorreu em decorrência das atividades turísticas. Talvez, o crescimento do turismo na década de 1990, como apresentado no capítulo anterior, tenha contribuído para tal crescimento, mas não podemos afirmar com segurança.

Dito isso, outras conclusões a que poderíamos chegar ficam prejudicadas, pois utilizamos nesse estudo apenas aproximações do que entenderia-se por mão-de-obra turística no Brasil, por uma questão de inviabilidade de se conseguir dados mais específicos.

Mesmo assim, podemos afirmar que, de forma geral, para os segmentos observados, houve uma desconcentração espacial no emprego, com significativas taxas de crescimento do emprego nas regiões Centro-Oeste e Nordeste. Contudo, apesar de ter perdido espaço, a região Sudeste continua sendo aquela que mais emprega para o total de atividades do setor.

Com relação ao perfil dos trabalhadores, pudemos perceber que houve um aumento da participação feminina na maior parte dos segmentos, principalmente, no setor de alimentação, o que é bastante significativo, por ser esse o segmento que mais emprega e mais cresce.

Além disso, houve um aumento significativo da escolaridade, com o aumento da quantidade de trabalhadores com 8^a série completa ou com 2º grau. Contudo, isso não se refletiu em melhora nos salários, que, em média, reduziram-se em proporção de salários mínimos. É importante lembrar, por outro lado, que houve um aumento do poder de compra do salário mínimo no período analisado, o que neutraliza o efeito anterior.

A jornada de trabalho semanal média de 42 horas, por sua vez, manteve-se a mesma nos dois anos analisados, assim como a preponderância da forma de contratação pelas normas regidas pela CLT. Além disso, com os dados apresentados, não foi possível verificar a sazonalidade da atividade, assim como a alta rotatividade. Isso já seria esperado, uma vez que estamos observando apenas os trabalhadores formais.

Portanto, para complementar a análise, passamos a apresentar no item seguinte, os principais dados de pesquisa realizada pelo Instituto da Hospitalidade, com base em dados da PNAD/IBGE, a qual engloba o setor formal e informal da economia.

2) A Informalidade na Relação de Emprego no Turismo

Esta seção é baseada na Pesquisa desenvolvida pelo Instituto da Hospitalidade sobre o perfil dos trabalhadores do setor turístico no Brasil, realizada no segundo semestre de 2000. Diferentemente da seção anterior, que abrangia apenas o setor formal da economia, esta apresenta um quadro global do mercado de trabalho nas atividades voltadas para o setor de turismo no Brasil, a partir de dados levantados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵.

2.1) Evolução da População Ocupada na Década de 90

Em 1999, a PNAD registrou 71,7 milhões de pessoas ocupadas no Brasil, sendo 4,4 milhões no setor de turismo, representando 6,1% do total da economia. Em relação a 1992 o crescimento do número de pessoas ocupadas no turismo foi de 24%, enquanto que, no mesmo período, na economia como um todo o crescimento foi menor, ou seja, de 10%.

As atividades de bares e restaurantes ocupavam 2.336 mil pessoas, atingindo 53% do setor. Em segundo lugar, foram encontradas 1.370 mil pessoas ocupadas em transportes, correspondendo a 31%. Foram ainda levantadas 317 mil pessoas ocupadas em atividades de entretenimento e lazer, ou seja, 7%. Os hotéis e pousadas absorviam 6% ou 264 mil pessoas. Finalmente, as agências de viagem e empresas de turismo ocupavam 115 mil pessoas, não chegando a 3% do setor de turismo.

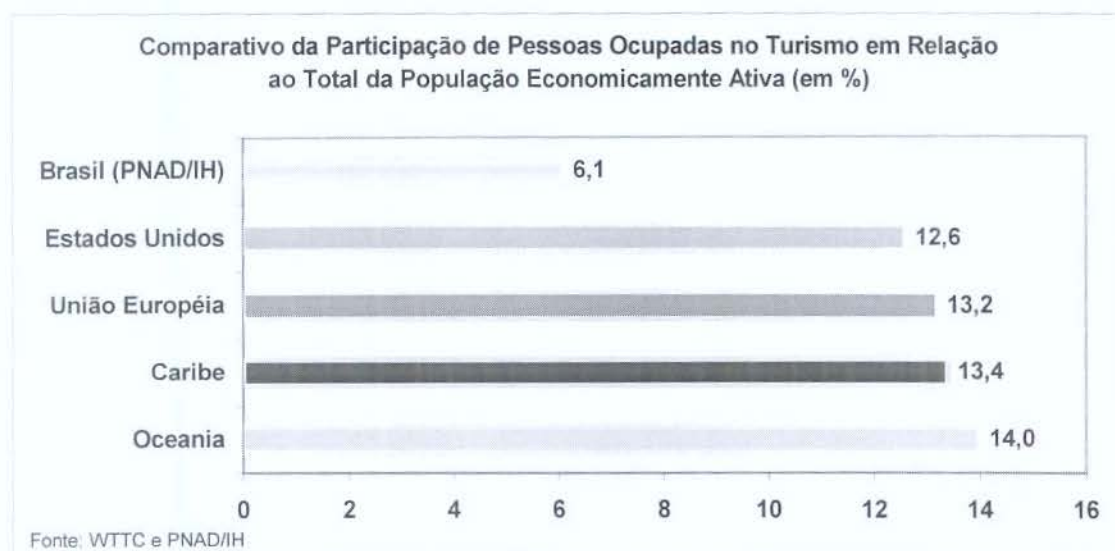
Os cinco segmentos de turismo analisados apresentaram significativo crescimento de postos de trabalho ao longo dos anos noventa, tendo sido mais intenso nas agências de viagem e empresas de turismo (46%) e em entretenimento e lazer (41%). Bares e restaurantes e

⁵ Os dados da PNAD analisados neste trabalho estão representados pelos seguintes segmentos, de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE): a) Hotéis e Pousadas (código CNAE 511); b) Bares e restaurantes (código CNAE 512); c) Entretenimento e Lazer (código CNAE 551); d) Agências de Viagem e Empresas de Turismo (código CNAE 586); e e) Transportes (códigos CNAE 472, 474, 475, 476, 477 e 587).

atividades de transporte tiveram uma evolução próxima à média do setor (24%), enquanto nos hotéis e pousadas a variação não passou de 10%.

Como consequência do forte crescimento dos postos de trabalho, os segmentos de turismo tiveram sua participação na população econômica ativa aumentada de 5,5%, em 1992, para 6,1%, em 1999. No entanto, esta participação no total do mercado de trabalho brasileiro é modesta quando comparada com alguns países e regiões mais desenvolvidas.

Segundo dados do World Travel & Tourism Council⁶, que utiliza uma metodologia bastante semelhante à pesquisa do Instituto da Hospitalidade, a participação, em 1999, de postos de trabalho no setor de turismo em relação ao total da população economicamente ativa foi a seguinte: Oceania 14%, Caribe 13,4%, União Européia 13,2% e Estados Unidos 12,6%. Observa-se, portanto, a potencialidade do Brasil praticamente dobrar o número de postos de trabalho através do desenvolvimento deste setor.



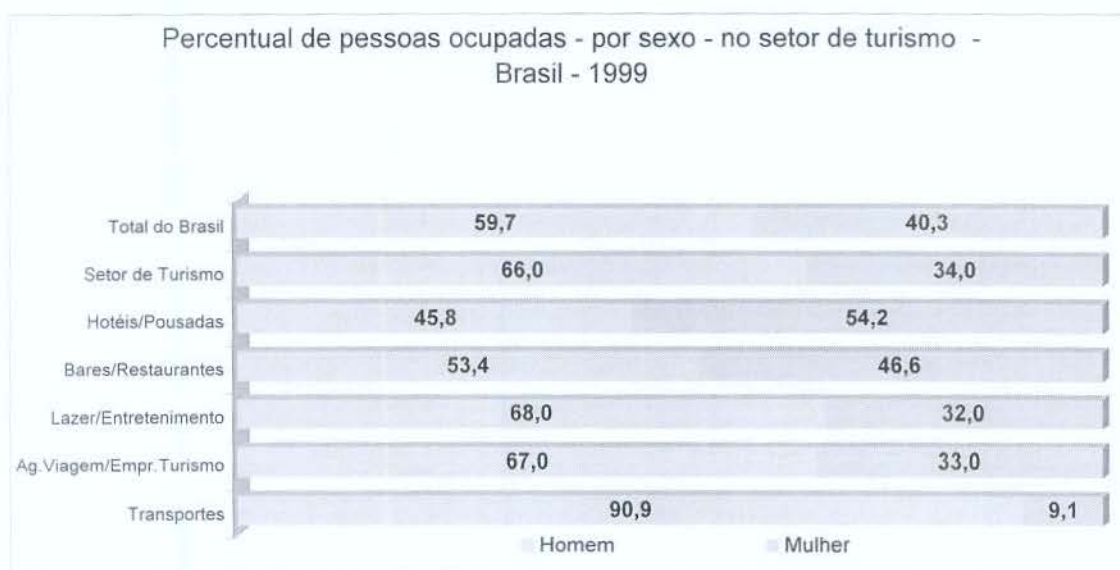
Em todas as regiões brasileiras, houve aumento dessa participação. Em 1999, sua parcela no total de pessoas ocupadas variava entre 4,6% na região Sul e 7,7% na região Norte.

⁶ in World Travel & Tourism Council Year 2000 TSA Report, WTTC

A região Sudeste absorve metade da população ocupada no setor, seguindo-se a região Nordeste com pouco menos de um quarto do total. A região Sul representa 13%. São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia são os principais estados em termos de geração de postos de trabalhos, absorvendo 56% da população ocupada em turismo. Seis outros estados – Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Pernambuco e Ceará – ocupam 25% das pessoas ocupadas. Cabe ainda mencionar a importância das regiões metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro, que sozinhas respondem por cerca de um quarto das pessoas ocupadas do setor.

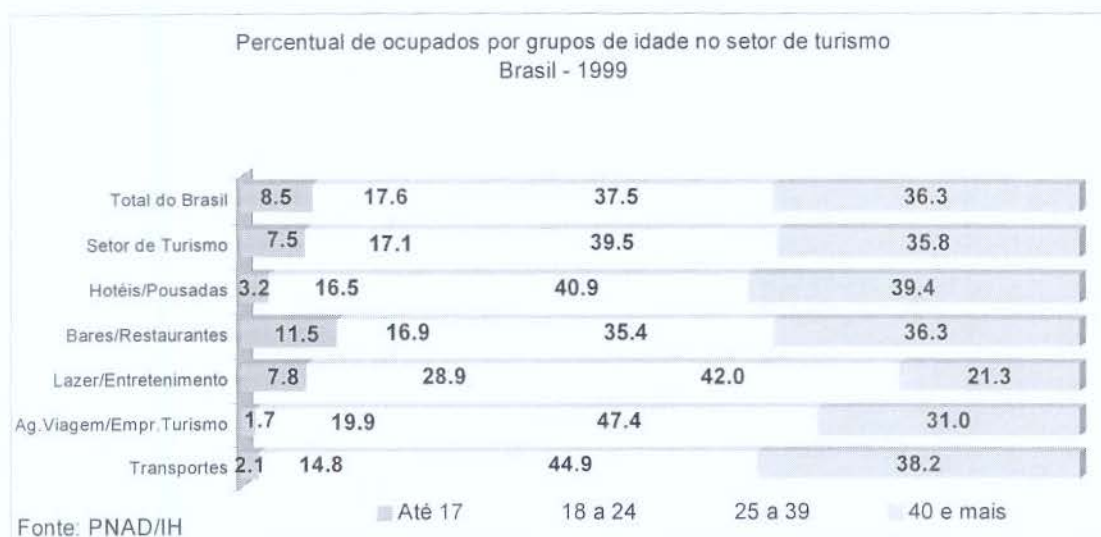
2.2) Perfil dos Profissionais

Os resultados demonstram que, em geral, há mais homens (66%) que mulheres (34%) em atividades voltadas para o turismo. O segmento de Hotéis e Pousadas é o único segmento onde a participação do emprego feminino é majoritária, atingindo 54%. Em entretenimento e lazer e nas agências de viagem e empresas de turismo, a participação feminina não passa de um terço. O maior desequilíbrio, entretanto, é observado nos transportes, onde 91% dos trabalhadores são do sexo masculino.



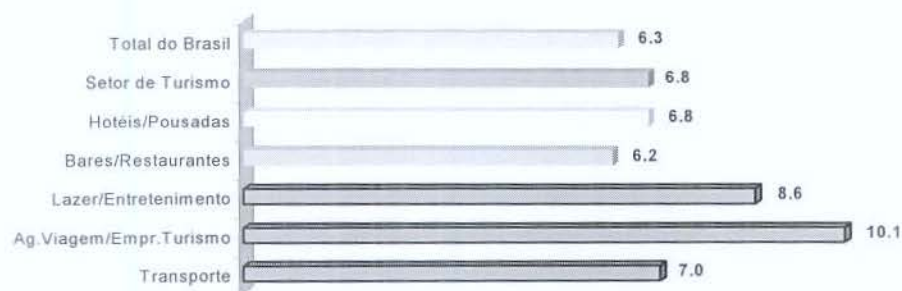
Fonte: PNAD / Instituto da Hospitalidade

Os trabalhadores de hotéis e pousadas e de transportes tendem a ser mais velhos que os demais, possuindo 37 anos, em média. Seguem-se os trabalhadores de bares e restaurantes com 35 anos e de agências de viagem e empresas de turismo com 34 anos. Os trabalhadores de atividades de entretenimento e lazer são bem mais jovens, não passando de 31 anos, em média.



Há uma grande heterogeneidade no nível escolaridade dos trabalhadores do setor de turismo. Os melhores resultados são encontrados nas agências de viagem e empresas de turismo, onde a média atinge 10,1 anos de estudo, correspondendo à segunda série do segundo grau completa. Em segundo lugar, surgem os trabalhadores de atividades de entretenimento e lazer com 8,6 anos de estudo, em média, representando o primeiro grau completo. Os demais trabalhadores possuem níveis bem mais baixos – 7,0 anos em transportes, 6,8 anos em hotéis e pousadas e 6,2 anos em bares e restaurantes. Cabe notar, entretanto, que o nível médio de escolaridade do setor de turismo tende a superar a média do mercado de trabalho do país, que não passa de 6,3 anos de estudo.

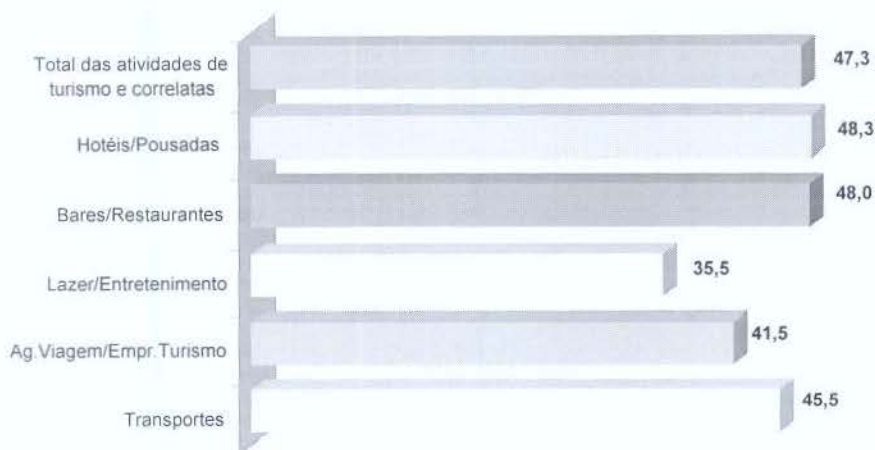
Anos médios de estudo dos ocupados em atividades de turismo - Brasil - 1999



Fonte: PNAD/IH

As jornadas de trabalho são mais altas nos hotéis e pousadas e em bares e restaurantes, atingindo a média de 48 horas semanais, ou seja, quatro horas acima da jornada regulamentar de 44 horas semanais. Nas atividades de transporte, baixam para 45,5 horas. Nas agências de viagem e empresas de turismo, caem para 41,5 horas. Finalmente, nas atividades de entretenimento e lazer, trabalha-se, em média, 35,5 horas semanais.

Horas médias de trabalho semanal dos ocupados em atividades do setor de turismo - Brasil



Fonte: PNAD/IH

Há grandes diferenças entre os níveis de remuneração dos cinco segmentos do setor de turismo. Enquanto a remuneração média atinge R\$ 837 nas agências de viagem e empresas de turismo, não passa de R\$ 352 nos bares e restaurantes. Os valores médios chegam a R\$ 515 nos hotéis e pousadas, R\$ 605 nas atividades de entretenimento e lazer e R\$ 626 no setor de transportes. A remuneração média encontrada no mercado de trabalho brasileiro é de R\$ 428, mostrando que apenas o segmento de bares e restaurantes está abaixo da média do país.



A associação entre os níveis de remuneração e de escolaridade nos cinco segmentos do setor de turismo é clara. A ordenação das remunerações é quase a mesma dos níveis de escolaridade. Por outro lado, apesar de suas maiores jornadas de trabalho, os empregados dos segmentos de bares e restaurantes e de hotéis e pousadas não conseguem chegar perto dos níveis de remuneração encontrados nas atividades de entretenimento e lazer, agências de viagem, empresas de turismo e transportes.

O segmento formal da economia é caracterizado pela relação de assalariamento com a assinatura da carteira de trabalho. Neste sentido, pode-se afirmar que as atividades dos hotéis e pousadas são tipicamente formais, na medida em que quase 70% das pessoas

ocupadas possuem carteira de trabalho assinada. Nas agências de viagem, empresas de turismo e transportes, cerca de metade dos trabalhadores possui carteira assinada.

Em contrapartida, bares e restaurantes e atividades de entretenimento e lazer são tipicamente informais, onde apenas pouco mais de 20% das pessoas ocupadas possuem carteira de trabalho assinada. Nestes dois segmentos, mais de um terço da força de trabalho é constituída por trabalhadores autônomos, ou seja por conta própria. No caso das atividades de entretenimento e lazer, 32% dos trabalhadores são empregados sem carteira assinada, enquanto nos bares e restaurantes, 15% são trabalhadores não remunerados, usualmente pessoas da própria família dos proprietários. Tais informações mostram a limitação da utilização de fontes de dados baseadas apenas no setor formal da economia, como a RAIS, quando se estuda o setor de turismo no Brasil.



Duas ocupações destacam-se numericamente no segmento de Hotéis e Pousadas. São elas: arrumadeiras/camareiras e recepcionistas. As duas têm peso semelhante e, somadas, representam cerca de um terço do pessoal ocupado. Cozinheiros, ajudantes de cozinha e garçons também se destacam. Na área de gestão, diretores, gerentes e administradores têm uma importância relativamente elevada.

Entre as demais ocupações operacionais, pode-se mencionar os serventes/faxineiros, vigias, porteiros, mensageiros, copeiros, atendentes, lavadeiras e passadeiras. Cabe ainda apontar para o papel dos donos e sócios que participam bastante do trabalho realizado nos hotéis e pensões, representando 13% das pessoas ocupadas.

A estrutura ocupacional nos bares e restaurantes é bastante simples. Mais de 40% é composta pelos próprios donos e sócios que trabalham em seus negócios. Entre os empregados, há destaque apenas para balconistas, copeiros, cozinheiros e seus ajudantes, garçons e ajudantes, representando cerca de metade dos profissionais ocupados. Os demais têm uma participação muito pequena, podendo-se mencionar os gerentes, administradores, caixas, serventes, faxineiros, recepcionistas, manobristas e entregadores.

As atividades de entretenimento e lazer são muito diferenciadas, produzindo uma estrutura de ocupações bastante diversificada. O grupo mais importante é representado pelos músicos, que correspondem a 22% dos trabalhadores. Entre as ocupações típicas do setor, pode-se ainda acrescentar os artistas, atores e cantores que atingem cerca de 10% da população ocupada.

As principais ocupações de apoio às atividades de entretenimento e lazer são os balconistas, atendentes, recepcionistas, caixas e bilheteiros. Mais uma vez deve-se mencionar a participação dos donos e sócios, cobrindo 15% da população ocupada no setor.

Conforme esperado, as principais ocupações na área de agências de viagem e empresas de turismo correspondem aos agentes de venda de passagem e emissores de bilhetes, além dos agentes de turismo. Estas ocupações empregam mais de 20% da força de trabalho do segmento. As demais ocupações são bastante diversificadas, tais como, ajudantes e auxiliares diversos, motoristas e agentes/inspetores/controladores de transporte. A participação dos donos e sócios é de 10% neste segmento.

Mais da metade dos ocupados no setor de transportes é representada por motoristas e taxistas. Importante parcela corresponde aos cobradores e trocadores. As demais ocupações

são bastante variadas, cobrindo os mais diversos segmentos do setor de transporte. Algumas exigem pessoal capacitado como pilotos, comandantes, mecânicos de voo e pessoal de gestão das empresas. Outras utilizam pessoal pouco qualificado como guardadores e lavadores de veículos, serventes, faxineiros, ajudantes e auxiliares diversos. Juntamente com entretenimento e lazer, o setor de transporte é um dos dois a apresentar a maior diversificação em termos ocupacionais entre os segmentos voltados para o turismo analisados neste trabalho.

Finalmente, cabe destacar a importante participação de donos e sócios na gestão das empresas voltadas para o turismo, como é possível verificar através da tabela a seguir:

Principais Ocupações no Setor de Turismo	Quantidade de Profissionais	% sobre o Total do Setor de Turismo
Donos/Sócios (Conta Própria)	860.065	19,5
Motoristas/Manobristas	776.159	17,6
Copeiros/Balconistas/Atendentes	645.392	14,7
Cozinheiros/Ajudantes de Cozinha	361.839	8,2
Garçons/Ajudantes de Garçon	256.438	5,8
Donos/Sócios (Empregadores)	251.021	5,7
Diretores/Gerentes/Administradores	81.734	1,9
Receptionistas	62.643	1,4
Serventes/faxineiros	24.577	0,6
Demais ocupações	1.082.290	24,4
TOTAL	4.402.158	100,0

Fonte: PNAD/IH

Assim, de acordo com o que foi visto neste estudo, podemos notar que o mercado de trabalho relacionado às atividades turísticas, de modo geral, é caracterizado pela informalidade, baixa qualificação, intensa jornada de trabalho e baixa remuneração.

Conclusão

Dada a força econômica e dinamismo apresentados pelo setor turístico em todo o mundo, no Brasil, a partir do início da década de 1990, essa atividade passa a ser vista pelo poder público e por parte dos estudiosos do assunto, como potencial fator de desenvolvimento, como fonte de renda e, principalmente, geração de empregos.

Diante disso, pretendemos, através desse estudo, investigar os reais impactos econômicos do desenvolvimento das atividades turísticas, mais especificamente, sobre o mercado de trabalho brasileiro.

Antes de abordarmos os dados e as informações sobre desenvolvimento da atividade turística e seus impactos sobre o mercado de trabalho, foram apresentados os conceitos e as definições que envolvem esse estudo, mostrando as principais modalidades de turismo e, em seguida, enfocando os aspectos econômicos e as formas de mensuração do turismo.

Através do que foi abordado, foi possível concluir que existe grande número de possibilidades de turismo, em função da variedade de destinos e motivações de viagens. Por isso, a atividade em questão apresenta grande complexidade de formas e finalidades, o que, muitas vezes, gera dificuldade em se definir o que se entende por cada uma delas, assim como em que se define *turismo* propriamente.

Da mesma forma, existem grandes dificuldades em se definir claramente como se compõe a demanda e a oferta turística, assim como a mão-de-obra envolvida na atividade. Diante disso, as definições e os segmentos da economia selecionados para a análise neste trabalho procuraram seguir a metodologia de Contas Satélites do Turismo definida pela OMT, uma vez que essa delimitação tem sido utilizada como referência para os principais estudos relacionados ao turismo.

Levando em conta as limitações conceituais e estatísticas explicitadas, mostramos que o turismo alcançou um significativo crescimento durante a década de 1990 no Brasil. Esse crescimento, porém, esteve muito aquém das possibilidades apresentadas pelo país.

Como foi observado, a entrada de turistas estrangeiros e o volume de viagens domésticas foram crescentes durante toda a década de 1990, havendo uma queda em 2001, que acompanhou o movimento mundial de retração em decorrência do atentado terrorista de 11 de setembro, e em 2002, devido a crise econômica da Argentina, origem da maior parte dos turistas que visitam o Brasil.

Além disso, a partir de 1998, houve uma reversão do fluxo de turistas brasileiros para o exterior, que desde de 1993 vinha impactando negativamente e de forma crescente a Balança de Serviços do país. Contudo, isso não significou um aumento do turismo doméstico na mesma intensidade.

Portanto, é possível notar que o setor apresenta grande potencial de crescimento, uma vez que existe a possibilidade de deslocar a demanda turística dos brasileiros para o exterior em direção ao turismo doméstico, além da possibilidade de aproveitamento da expansão da demanda mundial por essa atividade.

Entretanto, apesar dos avanços obtidos nos últimos anos, o Brasil está longe de ocupar um lugar no cenário turístico mundial compatível com suas potencialidades. O país apresenta graves problemas que acabam travando o desenvolvimento da atividade, como a insuficiência de recursos e falta de estratégia e articulação na promoção e comercialização do produto turístico brasileiro; baixa qualidade e pouca diversidade de produtos turísticos ofertados nos mercados nacional e internacional, deficiência crônica na gestão e operacionalização de toda infra-estrutura básica (saneamento, água, energia, transportes) e turísticas; insuficiência de dados, informações e pesquisas sobre o turismo brasileiro etc.

Dessa forma, a partir do reconhecimento do turismo como atividade econômica relevante que requer planejamento, análise, pesquisa e informações consistentes, passamos a enfocar diretamente o centro do presente trabalho, qual seja a questão do mercado de trabalho.

Assim, após realizarmos esse breve diagnóstico do setor, passamos a destacar as principais características do mercado de trabalho relacionado ao desenvolvimento da atividade no Brasil. Para isso, primeiramente, foi utilizada a base de dados do RAIS, que abrange apenas o setor formal da economia e, posteriormente, um apanhado geral das informações disponibilizadas com base nos dados da PNAD/IBGE.

A partir disso, foi possível observar que, seguindo a tendência de crescimento do turismo a taxa de crescimento do emprego no setor foi maior que a apresentada para o total de empregos formais no período de 1994 a 2002. Da mesma forma, analisando a década de 1990, houve um aumento do total de ocupações no setor turístico superior ao observado para o total de ocupações.

Entre os segmentos analisados, o de alimentação permaneceu como o que mais emprega, com significativo crescimento no período, chegando a quase metade do emprego turístico. Contudo, por ser um segmento conexo, não é possível concluir de forma definitiva que esse crescimento ocorreu em decorrência das atividades turísticas. Talvez, o crescimento do turismo na década de 1990, como apresentado, tenha contribuído para tal crescimento, mas não podemos afirmar com segurança. Isso porque utilizamos nesse estudo apenas aproximações do que entenderia-se por mão-de-obra turística no Brasil, por uma questão de inviabilidade de se conseguir dados mais específicos.

Assim, mesmo com as limitações que envolvem o estudo, com relação à distribuição regional dos trabalhadores, foi possível observar que houve uma desconcentração espacial no emprego, com significativas taxas de crescimento dos postos de trabalho nas regiões Centro-Oeste e Nordeste. Contudo, apesar de ter perdido espaço, a região Sudeste continua sendo aquela que mais emprega para o total de atividades do setor.

Em relação ao perfil dos trabalhadores, pudemos perceber que houve um aumento da participação feminina na maior parte dos segmentos, principalmente, nos setores de alojamento e alimentação, o que é bastante significativo, uma vez que este último é o segmento estudado que mais emprega e mais cresce.

Além disso, apesar da heterogeneidade no nível de escolaridade entre os segmentos, houve um aumento significativo dos anos de estudo, com o aumento da quantidade de trabalhadores com 8ª série completa ou com 2º grau. Cabe notar, ainda, que o nível médio de escolaridade do setor de turismo tende a superar a média do mercado de trabalho do país.

Contudo, isso não se reflete em melhora nos salários, que, em média, reduziram-se em proporção de salários mínimos. É importante lembrar, por outro lado, que houve um aumento do poder de compra do salário mínimo no período analisado, o que neutraliza o efeito anterior. Cabe destacar, ainda, que apesar do movimento em comum, existem grandes diferenças entre os níveis de remuneração dos segmentos selecionados, sendo o ramo de alimentação o que apresenta o pior desempenho, apesar da mais elevada jornada.

Quanto à jornada de trabalho, é notável a diferença observada entre a média semanal declarada para os trabalhadores formais e a observada para o total de trabalhadores do setor turístico. A jornada de trabalho semanal média de 42 horas, manteve-se a mesma nos anos de 1994 e 2002, assim como a preponderância da forma de contratação pelas normas regidas pela CLT, para os trabalhadores formais.

De outra forma, quando observamos o mercado de trabalho como um todo, é possível perceber que em segmentos como o de alojamento e alimentação, as jornadas atingem valores maiores ao regulamentar, qual seja 44 horas semanais. Assim, para o total das atividades de turismo e correlatas, a média de horas de trabalho semanal alcançou, em 1999, 47,3 horas.

Diante dessas discrepâncias entre os dados, é importante destacar o percentual de ocupados em atividades de turismo por relação de trabalho, conforme a seguir.

O segmento formal da economia é caracterizado pela relação de assalariamento com a assinatura da carteira de trabalho. Neste sentido, pode-se afirmar que as atividades dos

hotéis e pousadas são tipicamente formais, na medida em que quase 70% das pessoas ocupadas possuem carteira de trabalho assinada. Nas agências de viagem, empresas de turismo e transportes, cerca de metade dos trabalhadores possui carteira assinada.

Em contrapartida, bares e restaurantes e atividades de entretenimento e lazer são tipicamente informais, onde apenas pouco mais de 20% das pessoas ocupadas possuem carteira de trabalho assinada. Nestes dois segmentos, mais de um terço da força de trabalho é constituída por trabalhadores autônomos, ou seja por conta própria. No caso das atividades de entretenimento e lazer, 32% dos trabalhadores são empregados sem carteira assinada, enquanto nos bares e restaurantes, 15% são trabalhadores não remunerados, usualmente pessoas da própria família dos proprietários. Tais informações mostram a limitação da utilização de fontes de dados baseadas apenas no setor formal da economia, como a RAIS, quando se estuda o setor de turismo no Brasil.

Diante disso, de acordo com o que foi visto neste estudo, podemos notar que o mercado de trabalho relacionado às atividades turísticas pode ser sinteticamente caracterizado pela informalidade, baixa qualificação, intensa jornada de trabalho e baixa remuneração.

Por fim, é necessário fazermos uma ressalva quanto a delimitação de ramos de atividades utilizada para compor o setor turístico. Os segmentos abrangendo hotéis e outros serviços de alojamento, serviços de provisão de comidas e bebidas, vários tipos de transporte de passageiros, agências de viagens, operadoras de turismo, aluguel de veículos, serviços culturais, de entretenimento e lazer não são segmentos que sofrem influência apenas das atividades turísticas, pois são serviços *conexos*, ou seja, que apesar de sofrer influência direta das atividades turísticas, não existem apenas em função delas. Apenas os segmentos de agências de viagens e alojamento poderiam se caracterizar como característicos.

Assim sendo, não é possível afirmar com exatidão que o comportamento dos elementos analisados com relação ao mercado de trabalho delineado pelos segmentos selecionados esteja estritamente refletindo o que ocorreu com os trabalhadores do setor turístico. Salientamos, portanto, que a análise aqui realizada consiste em uma aproximação, em

decorrência da inexistência de dados mais precisos, com relação ao comportamento do mercado de trabalho relacionado ao setor turístico, especificamente.

Bibliografia

ARRUDA, Lillian R. Economia Regional e o Setor de Turismo na Região Metropolitana de Florianópolis. O Setor do Turismo no Ceará: um exame de seu desempenho na década de 1990. Relatório de Pesquisa CESIT/DIEESE/CNPq. São Paulo: DIEESE-CESIT/IE/UNICAMP-CNPq, 2002.

BALTAR, P. E. A. “Crise contemporânea e mercado de trabalho no Brasil”. In: OLIVEIRA, M. A. (org.). *Economia e Trabalho: Textos básicos*. Campinas: IE/UNICAMP, 1998.

BARRETO, M.,BURGOS, R., FRENKEL, D. *Turismo, Políticas Públicas e Relações Internacionais*. Campinas: Papirus, 2001.

BENI, M. C. *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: Senac, 1998.

BNDES : www.bndes.gov.br

CACCIAMALLI, M. C. “Globalização e processo de informalidade”. *Economia e Sociedade*. Campinas: IE/ UNICAMP, junho de 2000.

CARVALHO, Caio Luiz de, “Desenvolvimento do Turismo no Brasil”. In *Revista de Administração*. Vol. 33, nº 4. São Paulo, out/dez. 1998.

CAVALCANTI, K. B., HORA, A. S. S. “Política de Turismo no Brasil”. *Turismo em Análise*. São Paulo, nov. 2002.

COSTA, Marcelo Maximiliano da. *O Setor do Turismo no Ceará: um exame de seu desempenho na década de 1990*. Relatório de Pesquisa CESIT/DIEESE/CNPq. São Paulo: DIEESE-CESIT/IE/UNICAMP-CNPq, 2002.

DIAS, Reinaldo. *Turismo Sustentável e Meio Ambiente*. São Paulo: Atlas, 2003.

DIEESE. *A situação do emprego no Brasil*. São Paulo, Dieese, 2001.

EMBRATUR: www.embratur.org.br

FERNANDES, Ivan Preira, COELHO, Marcio Ferreira. *Economia do Turismo – teoria e prática*. 1ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Campos, 2002.

GEORGES, Isabel. *Trabalho e emprego: Carreiras formais e trajetórias sócio-profissionais de mulheres no setor terciário brasileiro (uma construção societal, de gênero e de classe)*. Relatório técnico CEBRAP.

GOMES, R. C. C., SILVA, V. P., SILVA, A. B. “Estado, turismo e mercado de trabalho”. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Vol. VI, nº 119, 1 de agosto de 2002 – Universidade de Barcelona.

LAGE, B. H. G., MILONE, P. C. *Economia do turismo*. 4ª edição. Campinas: Papirus, 1999.

_____. “Impactos socioeconômicos do Turismo”. In *Revista de Administração*. Vol. 33, nº 4. São Paulo, out/dez. 1998.

LEMOS, Leandro de. *Turismo: Que Negócio é Esse?*. 4ª edição. Campinas –SP: Papirus, 2003.

MORETTO, Amilton. “Políticas de emprego no Brasil: algumas considerações sobre os anos 90”. In: DIEESE (org.). *Emprego e desenvolvimento tecnológico: artigos dos pesquisadores*. São Paulo: DIEESE, 1999.

OLIVEIRA, Fernando Meloni de. *Estudo da Atividade de Turismo no Brasil na Década de 1990*. Relatório de Pesquisa CESIT/DIEESE/CNPq. São Paulo: DIEESE-CESIT/IE/UNICAMP-CNPq, 2004

OURIQUES, Ricardo Helton. *Turismo em Florianópolis: Uma crítica à indústria pós-moderna*. 1ª edição. Florianópolis – SC: Ed. Da UFSC, 1998.

POCHMANN, Márcio. *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século*. São Paulo, Editora Contexto, 1999. (Coleção Economia).

RABAHY, Wilson. *Turismo e desenvolvimento*. 1ª edição. Barueri: Manole, 2003.

REJOWSKI, Mirian (org.). *Turismo no Percurso do Tempo*. 1ª edição. São Paulo: Aleph, 2002.

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO. Vol. 33, nº 4. São Paulo, out/dez. 1998.

SIMÕES, Ana Margaret Silva. *Desenvolvimento Tecnológico e Mercado de Trabalho no Setor de Turismo da Bahia*. Relatório de Pesquisa CESIT/DIEESE/CNPq. São Paulo: DIEESE-CESIT/IE/UNICAMP-CNPq, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Turismo e Qualidade – Tendência Contemporâneas*. 8ª edição. Campinas – SP: Papirus, 2002.

TRIBE, John. *Economia do Lazer e do Turismo*. 2ª edição. São Paulo – SP: Ed. Manole, 2003.